

FRANTOMÉ BEZERRA PACHECO

ASPECTOS DA GRAMÁTICA

IKPENG (KARÍB)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Janeiro de 1997

Frantomé Bezerra Pacheco

ASPECTOS DA GRAMÁTICA IKPENG (KARÍB)

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Frantomé Bezerra

Pacheco

e aprovada pela Comissão Julgadora em

10.01.97

Prof.ª Lucy Seki

Dissertação apresentada ao Departamento
de Linguística do Instituto de Estudos
da Linguagem da Universidade Estadual
de Campinas como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em
Linguística.

Orientador: Profª Drª Lucy Seki
(DL/IEL/UNICAMP)

UNICAMP

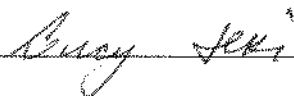
Instituto de Estudos da Linguagem

1997

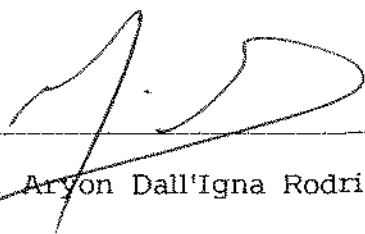
UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

P115a	Pacheco, Frantomé Bezerra "Aspectos da gramática Ikpeng (Karib)" / Frantomé Bezerra Pacheco - - Campinas, SP [s.n.], 1997. Orientador: Lucy Seki Dissertação (mestrado) - Universidade Es- tadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem 1. Língua indígena 2. Tipologia (linguis- tica). 3. Gramática 4. Sintaxe. 5. Morfolo- gia. I. Seki, Lucy. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Língua - gem. III. Título.
-------	--



Profª Drª Lucy Seki - Orientador



Prof. Dr. Arvon Dall'Igna Rodrigues



Prof. Dr. Angel H. Corbera Mori

AGRADECIMENTOS

Aos Ikpeng, na pessoa do cacique Melobô, pela sua acolhida e hospitalidade durante o trabalho de campo.

Aos professores Ikpeng Korotowî Ikpeng, Iokoré Ikpeng e Maiuá Ikpeng pelas aulas de Ikpeng que me deram, e a Beбето Ikpeng, pelas informações oferecidas.

A Prof^a Lucy Seki, por sua orientação segura, pelas discussões acerca dos aspectos lingüísticos aqui abordados e por ter me incentivado a enfrentar o desafio de estudar o Ikpeng.

Ao Prof. Angel C. Mori, pelas discussões sobre fonologia e gramática.

A Prof^a Bernadete Abaurre, pelas discussões sobre fonologia.

A Spike Gildea, pelas orientações acerca da gramática das línguas Karib.

A Cilene Campetela, com quem discuti muitos pontos sobre a língua, principalmente a marcação de caso.

A Marcos A. Pereira, pelas leituras e sugestões feitas ao trabalho.

A meus pais, pelo incentivo e apoio ao trabalho que realizo.

Ao CNPq, pelo auxílio concedido (Processo 135043/94-8), o que permitiu o desenvolvimento das minhas atividades de pesquisa.

A FAPESP, pelo financiamento da pesquisa de campo (Processo 1995/4536-2), que possibilitou a realização da pesquisa em área indígena.

A FUNAI, na pessoa de Suzana Grillo, que ofereceu todo seu apoio ao trabalho de campo.

Aos funcionários do Posto Indígena Pavuru, pela hospitalidade e pelo apoio oferecidos.

LISTA DE ABREVIATURAS

A	sujeito transitivo
AC	acusativo
ADJ	adjetivo
ADJTO	adjunto
ADJZ	adjetivizador
ADV	advérbio/adverbial
AG	agente
ALAT	alativo
ASP	aspecto
ATR	atributivo
AUX	auxiliar
CAUS	causativo
COL	coletivo
COM	comitativo
COMP	complemento, partícula de
CONT	continuativo
CONJ	conjunção
CONV	convite
COORD	coordenador
COP	cópula
DAT	dativo
DEIT	dêitico; demonstrativo
DIM	diminutivo
DIR	direcional
DIST	distante
ELAT	elativo
ERG	ergativo
EV	evidencial
FIN	finalidade
FOC	foco
GEN	genitivo
GER	gerúndio
IMP	imperativo
IMED	imediate
IMPF	imperfectivo
INST	instrumental
INTR	intransitivo
ITER	iterativo
LOC	locativo
MOD	modificador
NEG	negativo
NOM	nominativo
NOMZ	nominalização
NPAS	não passado
NPERF	não perfectivo/particípio não passado
O	objeto
O'	objeto da encaixada
OBJ	objeto (termo geral)
OBL	oblíquo

OR	origem
P	paciente
PART	partícula
PERF	perfectivo/particípio passado
PERM	permissivo
PG	prefixo geral
PL	plural
POS	possessivo
POSP	posposição
PRED	predicado
PREF	prefixo
Q	palavra interrogativa
REC	passado recente
REM	passado remoto
REF	reflexivo
REL	relativa/partícula relativa
S	sujeito de intransitivo
Sa	sujeito de intransitivo ativo
Sa'	sujeito de intransito ativo da encaixada
SA	sintagma adjetival
SAdv	sintagma adverbial
SG	singular
SN	sintagma nominal
So	sujeito de intransitivo estativo
So'	sujeito de intransitivo estativo da encaixada
SP	sintagma posposicional
SUB	subordinação
SUJ	sujeito (termo geral)
SV	sintagma verbal
T	tempo
TAM	tempo/aspecto/modo
TOP	tópico
TRANS	transitivo
V	verbo da oração independente
V'	verbo da oração dependente
VBZ	verbalizador
VOC	vocativo
VI	verbo intransitivo
VT	verbo transitivo

SÍMBOLOS/DIACRÍTICOS

*X	agramatical ou não aceitável
1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
1+2/(inc)	primeira pessoa inclusiva
1+3/(exc)	primeira pessoa exclusiva
x	forma subjacente apagada na forma fonética
-?-	dúvida/não definido como categoria

?	perguntas
!	sentenças exclamativas
x[x]	preenchimento de posições segmentais
[xxx]	subordinação
{x}	morfemas
x ≈/~ y	alternância fonológica
x ∞ y	alternância morfológica
x/y	x e/ou y
x → y	reescreve (indicando derivação)
/	em contexto
x > y	x é hierarquicamente superior a y

SUMÁRIO

Introdução.....	13
Capítulo 1 – O povo Ikpeng e sua língua	
1. O povo Ikpeng	17
1.1. O contato	17
1.2. O pós-contato	18
2. A língua Ikpeng	19
2.1. Aspectos da fonologia Ikpeng	19
2.1.1. Aspectos da prosódia Ikpeng	22
2.1.1.1. Tipos de sílabas	22
2.1.1.2. Licenciamento de segmentos para ocupar as posições CVC	24
2.1.1.3. Considerações sobre o acento de palavra	26
2.1.2. Alguns processos morfofonológicos em Ikpeng	26
2.2. A língua Ikpeng dentro da família Karib	29
Notas	31
Capítulo 2 – Classes de palavras em Ikpeng: estudos preliminares	
1. Classes de palavras em Ikpeng	32

2. O nome	33
2.1. Propriedades gramaticais dos nomes	36
2.1.1. Funções sintáticas	36
2.1.2. Categoria de posse	37
2.1.2.1. Sufixos genitivos	40
2.2. Formação do nome	43
2.2.1. Formação de nomes a partir de verbos	43
2.2.2. Formação de nomes a partir de nomes	45
3. O verbo	47
3.1. Categoria de pessoa	48
3.1.1. Categoria de número	53
3.1.2. Prefixo geral t-	53
3.2. Marcação de caso	54
3.3. Reflexivo e causativo	56
3.4. Categoria de tempo e aspecto	58
3.5. Imperativo	61
3.6. Formação do verbo	62
3.7. Estrutura do verbo Ikpeng	64
4. Adjetivo	65
4.1. Formação do adjetivo	66
5. Advérbio	68
6. Posposição	69
6.1. Objeto pronominal nas posposições	72
7. Pronome	74
8. Partículas	77
Notas	81

Capítulo 3 – Considerações sobre a morfossintaxe da oração independente

1. A oração independente	82
2. Oração Não-verbal	83
2.1. Outros tipos de orações não-verbais	85
3. Oração verbal	87
3.1. Oração intransitiva	87
3.2. Oração transitiva	88
3.3. Oração com nominal regido pela posposição dativa	90
4. Oração causativizada	90
4.1. Causativização da oração intransitiva	92
4.2. Causativização da oração transitiva	93
Notas	94

Capítulo 4 – Morfossintaxe da oração relativa

1. A oração dependente	95
2. Tipologia das posições ocupadas pela relativa na sentença	97
2.1. Tipos de relativas	97
2.2. A oração relativa Ikpeng	99
3. Formação das relativas em Ikpeng	100
3.1. Estratégias de relativização em Ikpeng	101
3.2. Posições relativizadas em Ikpeng	101
3.2.1. Relativização das posições argumentais ou nucleares	103
3.2.1.1. Relativização de S	103
3.2.1.2. Relativização de A	104
3.2.1.3. Relativização de O	106
3.2.2. Relativização de posições não-argumentais	107

3.2.2.1. Relativização de DAT	108
3.2.2.2. Relativização de INST	109
3.2.2.3. Relativização de LOC	110
3.2.3. Relativização de GEN	111
3.3. Relativas não-nominalizadas	112
3.3.1. Morfologia finita nas relativas	113
3.4. Sobre o "status" morfológico de <i>pa</i> e <i>keni</i>	115
3.5. Funções das nominalizações na relativização	116
3.6. Resumo das estratégias de relativização	118
4. Marcação do núcleo nominal na relativa	120
4.1. Hipóteses sobre a marcação do núcleo nominal na relativa	120
4.1.1. A proposta de Comrie (1989)	120
4.1.2. A proposta de Keenan (1985)	121
4.1.3. A proposta de C. Lehmann (1986)	122
4.2. Marcação do núcleo nominal nas relativas Ikpeng	124
4.2.1. Marcação do nominal nas relativas nominalizadas	124
4.2.2. Marcação do nominal nas relativas não-nominalizadas	126
5. Considerações finais	127
 Conclusão	 128
Anexos	130
Summary	134
Referências bibliográficas	135

RESUMO

Esta dissertação visa oferecer uma descrição preliminar de alguns aspectos da gramática da língua Ikpeng, falada na parte central do Parque Indígena do Xingu por duzentas e quinze pessoas. Mostrará quais as classes de palavras encontradas em Ikpeng, como se organizam as orações independentes e a oração causativizada, bem como as estratégias de relativização e marcação do núcleo nominal dentro da oração relativa.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem por objetivo apresentar uma análise de alguns aspectos da gramática do Ikpeng, língua pertencente à Família Karib, falada por mais de duzentas pessoas que habitam a parte central do Parque Indígena do Xingu (MT), nas proximidades do Posto Indígena Pavuru¹. O grupo é conhecido na literatura lingüística e antropológica pelo nome de Txikão; ao nos referirmos a ele, no entanto, empregaremos o nome pelo qual o grupo se autodenomina: 'Ikpeng' (/ikpen/). Tal atitude pretende desfazer um equívoco que tem marcado esse e outros povos indígenas, que é o de serem tratados com 'apelidos', considerados por muitos deles como depreciativos².

A análise foi fundamentada em estudo preliminar do Ikpeng feita por L. Seki e S. Gildea em setembro de 1994, quando estiveram em Campinas-SP dois informantes Ikpeng (Korotowĩ e Iokoré) a convite da Profª Lucy Seki e sob o patrocínio da AVA (Associação Vida e Ambiente); em dados coletados junto a um outro falante Ikpeng, Napiki Talugu Ikpeng, que esteve em Jundiá em setembro de 1995 trabalhando comigo e com Cilene Campetela; em informações obtidas por mim em três

viagens feitas ao Parque Xingu para assessorar o II, III e IV Cursos de Formação de Professores Indígenas do Parque; e, principalmente, em trabalho de campo realizado em maio deste ano. Algumas das informações contidas na dissertação foram encontradas em textos produzidos por alunos e professores na escola Ikpeng.

O trabalho de pesquisa de campo envolveu duas etapas distintas, mas inter-relacionadas: a primeira foi a de coleta de dados junto à comunidade de falantes Ikpeng; a segunda envolveu a análise do material coletado. Ressaltamos que as duas etapas foram feitas concomitantemente, ou seja, a cada sessão de coleta de dados correspondeu uma sessão de análise desses dados, sempre seguida da revisão do material já coletado e confirmação das hipóteses, e assim sucessivamente.

O tipo de dados privilegiados na pesquisa foi constituído por sentenças, pois é através delas que se esperavam encontrar as evidências que sustentassem as hipóteses sobre os aspectos abordados. Também foram observadas construções usadas no cotidiano, o que nos ajudou a compreender como a língua funciona nas diferentes situações discursivas.

Durante a pesquisa de campo, trabalhou-se, preferencialmente, com três informantes Ikpeng: Korotowí Ikpeng, Iokoré Ikpeng e Maiuá Ikpeng. Entretanto, outros membros da comunidade participaram da pesquisa, ensinando e corrigindo construções e expressões da língua, além de ensinarem as tradições do grupo. Os informantes participaram não apenas como "doadores" de dados, mas como professores que

ensinavam o porquê do uso das construções coletadas e quando não podiam ser utilizadas.

O contato com a comunidade foi um dos aspectos mais importantes do trabalho de campo, pois pudemos observar a língua no uso cotidiano. Isso nos conferiu uma maior segurança para fazer certas afirmações que envolvem fatos gramaticais complexos, como é o caso das orações independentes e das orações relativas.

A dissertação aqui apresentada é uma tentativa de oferecer, a quantos estiverem interessados, um primeiro material que poderá servir de subsídio para futuras pesquisas sobre a língua, envolvendo não só a gramática, mas a fonologia e o discurso. Esperamos que possa servir, também, de subsídio para a elaboração de materiais de formação para os professores Ikpeng, que estão organizando seu projeto de educação bilíngüe. Além do mais, este trabalho visa contribuir para um melhor conhecimento das línguas indígenas brasileiras, e, em particular, das línguas Karib.

A dissertação consta de quatro capítulos. O primeiro versa sobre a língua Ikpeng e seus falantes. Nele, apresentamos uma breve visão sobre o povo Ikpeng, mostrando como foi o seu contato com o branco e sua situação atual; apresentamos, também, alguns aspectos da fonologia da língua, mostrando seu inventário de fonemas e tipos silábicos; discutimos, ademais, a posição do Ikpeng no quadro das línguas Karib. O segundo versa sobre as classes de palavras, mostrando quais as classes de palavras encontradas na língua. O terceiro apresenta uma análise preliminar das orações independentes e algumas considerações

sobre as orações causativizadas. No quarto é discutida a formação das orações relativas, localizando o Ikpeng dentro do quadro tipológico das relativas. Demonstra-se a existência de orações relativas finitas na língua.

NOTAS

1- A população da aldeia Ikpeng, conforme estatísticas do Posto Indígena Pavuru, é de 215 pessoas, incluindo os indivíduos de outras aldeias casados com Ikpeng.

2- Os Ikpeng, principalmente os mais velhos da aldeia, não gostam da denominação "Txikão", porque acham que se refere a 'cão', 'cachorro', o que, na sua opinião, é depreciativo.

CAPÍTULO 1

O POVO IKPENG E SUA LÍNGUA

O objetivo deste capítulo é fornecer uma breve visão sobre o povo Ikpeng e sua língua. São informações relevantes para se compreender não somente quem são os Ikpeng, mas a importância da língua para a identidade e sobrevivência do grupo.

Dívido o capítulo em duas partes: a primeira informa sobre o povo Ikpeng, como foram contactados e sua situação atual; a segunda versa sobre alguns aspectos da fonologia da língua e sua classificação no quadro das Línguas Karib.

1. O POVO IKPENG

1.1. O contato

O povo Ikpeng foi contactado pela primeira vez no dia 19 de outubro de 1964 por uma equipe do SPI na qual estavam presentes Cláudio e Orlando Villas-Boas. Baseando-se num pequeno vocabulário

coletado três dias após o contato, atestou-se a indistictível filiação Karib para os Txikão/Ikpeng. Esse vocabulário mostrou uma certa afinidade entre o Ikpeng, o Yarumá e o Apiaká (Galvão e Simões, 1965:13). Segundo os autores, as trinta pessoas que ali estavam no momento do contato deviam representar a quase totalidade dos membros do grupo, dos quais apenas oito eram mulheres (ibid.:7).

Embora tenha sido contactado apenas em 1964, já em 1885 parece haver uma referência a esse grupo feita por Von den Steinen, sendo válida a hipótese de que há muito deviam habitar a região Ronuro-Jatobá-Batovi. O grupo só ganhou notoriedade em 1944, com o ataque que fez aos Nahuquá no Curisevu, atacando também as aldeias Mehinaku e Waurá, por estarem próximas de seu território tribal. Em 1960, foram 'afugentados' do Batovi, de onde migraram para a confluência Jatobá-Ronuro. Somente mais tarde teriam subido o Jatobá, onde foram contactados (ibid.: 18-19).

1.2. O pós-contato

Após serem contactados pela primeira vez em 1964, os Ikpeng, em número de 56, aceitaram ser transferidos para dentro do Parque Indígena do Xingu, em 1967. Sua primeira aldeia dentro do Parque foi construída nas imediações do Posto Leonardo, próxima de seus antigos inimigos. Em meados da década de setenta (1975), eles passaram a viver nas proximidades do rio Uavi. Atualmente, encontram-se mais ou menos a um quilômetro de distância (quinze minutos a pé) do Posto Indígena Pavuru.

Os Ikpeng formam hoje um grupo de duzentas e quinze pessoas. Guardam sua língua e tradições, apesar do contato com a cultura e língua do branco. Entretanto, observa-se grande desejo de alguns membros do grupo em voltar ao seu antigo território, o que parece improvável, pois suas antigas terras foram tomadas por fazendeiros e madeireiras. O desejo de retornar ao antigo território tem sido manifestado por outros grupos que vieram morar posteriormente no Parque, como ocorreu ultimamente com os Panará, que estão retornando às suas antigas terras, fora do Parque.

Um fato relevante que é preciso destacar é o desejo que o grupo tem de ver desenvolvido junto a ele um programa de educação formal. A escola Ikpeng já dispõe de três professores que alfabetizam as crianças em português e Ikpeng, recebem formação em cursos semestrais oferecidos pela AVA (atualmente ISA), em convênio com o MEC, e estão elaborando, juntamente com assessoria especializada, materiais didáticos a serem usados na alfabetização e prática de leitura em primeira língua na escola Ikpeng.

2. A LÍNGUA IKPENG

2.1. Aspectos da fonologia Ikpeng

O primeiro estudo sobre a fonologia da língua Ikpeng foi realizado por Charlotte Emmerich (1980), que analisou a Fonologia Segmental da Língua. A partir da revisão de alguns aspectos da fonologia segmental proposta pela autora, L. Lucy e S. Gildea, em 1994, propuseram o seguinte quadro de fonemas para o Ikpeng:

(1) QUADRO DE FONEMAS IKPENG

a. Consoantes

	Bilabiais	Alveolares	Velares
Plosivas	p	t	k g
Africada		tx	
Nasais	m	n	ng
Tap		r	
Lateral		l	
Glides	w	y	

b. Vogais

	Anteriores	Centrais	Posteriores
Altas	i	ĩ	u
Médias	e		o
Baixa		a	

O quadro fonológico acima ajudou na elaboração da ortografia que está sendo usada na escola Ikpeng e será empregada neste trabalho. A primeira proposta de escrita foi elaborada pela Prof^a Lucy Seki no início

de 1994, durante o primeiro curso de Formação de Professores do Parque, e reelaborada por ela e S. Gildea em setembro do mesmo ano. A reelaboração da escrita foi motivada pela revisão de alguns aspectos da fonologia da língua, feitos por L. Seki e S. Gildea em 1994. Abaixo, apresentamos o quadro de grafemas com os fones que eles representam:

(2) Quadro de grafemas Ikpeng

a. Grafemas consonantais					
<p> [p, b, ɸ, β]		<t> [t, tʰ]		<k> [k, g]	
				<g> [g]	
<m> [m]		<n> [n]		<ng> [ŋ]	
		<r> [r]			
		<l> [l]			
		<tx> [tʃ, ʃ]			
<w> [w, β]		<y> [y, j]			

b. Grafemas vocálicos					
<i>	<e>	<ɪ>	<a>	<o>	<u>

No quadro acima, o grafema <p> representa quatro sons, dos quais [b] e [β] são considerados alofones do fonema /b/ para Emmerich. O falante Ikpeng não considera relevante a distinção /p/ e /b/, usando sem problemas o <p> para representar esses sons na escrita. No quadro de

grafemas, estão presentes os grafemas <w> e <y>, que não correspondem a nenhum fonema no quadro de Emmerich, pois a autora interpreta /w/ e /y/ como alofones das vogais /i/ e /u/. No entanto, tais fonemas/grafemas são postulados em nossas análises, pois se comportam claramente como semi-consoantes ou glides.

2.1.1. Aspectos da prosódia Ikpeng

2.1.1.1. Tipos de sílaba

O Ikpeng apresenta os seguintes tipos de sílabas:

A) .CV.

- | | |
|----------------------|---------------|
| (3) a. / .ka.ra.ke./ | 'bonito, bom' |
| b. / .pa.ra.pi./ | 'borboleta' |
| c. / .mo.ro.po./ | 'bolsa' |
| d. / .ta.ri.we./ | 'beiju' |

B) .CVC.

- | | |
|-------------------|--------------|
| (4) a. / .kok./ | 'noite' |
| b. / .man./ | 'pronto' |
| c. / .wot./ | 'peixe' |
| d. / .to.rik.tem/ | 'dançadores' |

C) .V.

- (5) a. /.a.nat./ 'milho'
- b. /.o.po./ 'borduna'
- c. /.u.ro./ 'eu'
- d. /.i.not./ 'pequi'

D) .VC.

- (6) a. /.am.pi.rak./ 'mosquito'
- b. /.ot.ko./ 'tatu'
- c. /.ang.pi./ 'menino, criança'

Note-se que os tipos (c) e (d) ocorrem apenas em início de palavra. Os demais tipos ocorrem tanto no início como no meio e em final de palavra.

As seqüências .C₂ C₁ V. não foram consideradas nessa análise, pois elas sempre envolvem uma consoante líquida que ocupa a posição do primeiro C, podendo ser interpretada como C da sílaba .CV., ficando o segundo C na sílaba anterior. Como consequência, têm-se menos tipos de sílabas, tornando-se a fonologia mais simples e econômica. A posição aqui adotada coincide com a de Emmerich (1980: 32-35) ao tratar dos padrões silábicos do Ikpeng. Sobre as seqüências CCV a autora comenta:

(...) registrou-se variação livre entre [V.CCV] e [VC.CV], por exemplo: [i.brí] e [ib.rí] 'flecha dele'.

E justifica sua opção pela segunda análise

Esta interpretação evita o reconhecimento de sílabas com margens complexas e permite fazer coincidir as sílabas fonêmicas só com padrões silábicos não-problemáticos.

Nossa análise, pois, reitera a da autora, conforme demonstramos abaixo:

(7) .CV.CVC.

a. .ma.rep. 'você chegou?'

.CV.CVC.CV

b. .Ka.rep.lĩ. 'cheguei'

Acreditamos que as seqüências CCV, em Ikpeng, são, em termos de representação fonológica, pouco harmônicas (Pacheco, 1995). Se considerarmos CCV como um dos tipos silábicos do Ikpeng, estaríamos criando uma complexidade desnecessária, pois, como se afirmou acima, as líquidas podem ficar numa sílaba e a consoante que a precede, noutra.

2.1.1.2. Licenciamento de segmentos para ocupar as posições

.C₁ V_{nuc} C₂.

Estamos chamando C₁ à consoante que precede o núcleo silábico, ocupado, em Ikpeng, por V; chamamos C₂ à consoante que segue o núcleo. Nem todos os segmentos consonantais podem ocupar a posição C₂. Diferentemente, a posição C₁ pode ser ocupada por qualquer desses segmentos. A posição V_{nuc} poderá ser ocupada por qualquer segmento vocálico. Partindo dessa afirmação, proponho a seguinte distribuição dos segmentos dentro da estrutura silábica:

(8) TABELA COM OS SEGMENTOS QUE PODEM OCUPAR AS POSIÇÕES

.C₁ V_{nuc} C₂.

C ₁			V _{nuc}			C ₂		
p	t	k	i	ĩ	u	p	t	k
		g	e		o			g
	tx			a				
m	n	ng				m	n	ng
	r							
	l							
w	y					w	y	

Ilustramos tais posições com os seguintes exemplos:

- (9) a. .C₁ V_{nuc} C₂.
 .k o k . 'noite'
- b. .C₁ V_{nuc} C₂.
 .w o t . 'peixe'
- c. .C₁ V_{nuc} C₂.
 .m a n . 'pronto'
- d. .V_{nuc} . C₁ V_{nuc} C₂.
 .ĩ . r ĩ p . 'quente'
- e. .C₁ V_{nuc} C₂ .
 .y a y . 'árvore'

f. $.C_1 V_{nuc} C_2 .$

.p o w.

'porco'

2.1.1.3. Considerações sobre o acento de palavra

O acento em Ikpeng é previsível: sempre será acentuada a última sílaba da palavra. Caso seja derivada, o acento secundário insidirá na sílaba proeminente da palavra-base.

(10) a. /,ma.'rep/ 'Você chegou?'

b. /,ka.re.'pli/ 'Eu cheguei'

c. /,pet.'kom/ 'mulher'

d. /pet.,kom.to.'wo/ 'mulherada'

O acento de palavra não está totalmente definido, fazendo-se necessário um estudo mais aprofundado do acento em palavras complexas (compostas, derivadas etc). O que se pode adiantar é que o acento não é distintivo no nível da palavra.

2.1.2. Alguns processos morfofonológicos em Ikpeng

Nosso objetivo neste item é apresentar alguns processos fonológicos que ocorrem na fronteira de morfemas. Nem todos os processos foram descritos nesta seção. Optou-se em mostrar apenas

aqueles que são mais freqüentes e que aparecerão no decorrer do trabalho. São eles¹:

A) [C -sonorante] → [C +sonorante] / V__V

(11) p → w / V __ V

a. k- ineng -lĩ petkom pak
1A2O-ver-REC mulher com:POSP
'Eu vi você com a mulher'

b. K- ineng -lĩ akari wak
1A2O-ver-REC cão com:POSP
'Eu vi você com o cachorro'

(12) k → g / V __ V

a. g- e -n 'meu dente'
1-dente-GEN

b. g- e -ng -ke 'estou com dor de dente'
1-dente-GEN-VBZ

c. ĩ- mom -txi 'minha cabeça'
1-cabeça-GEN

d. ĩ-mom -txi -ge 'estou com dor de cabeça'
1-cabeça-GEN-VBZ

(13) t → r / V __ V

a. t- orik -tem 'dançadores'
PG-dançar-NOMZ

- b. t- ñnkĩ -rem 'dominhoco'
PG-dormir-NOMZ

B) [C +coronal] $\rightarrow \emptyset$ / ___ [C +coronal]
-sonorante

(14) t $\rightarrow \emptyset$ / ___ [C +coronal]

- a. |y-enen-t| '(eu-ver-NPAS) Eu vou vê-lo'
/y-enen/

C) [C +coronal] $\rightarrow \emptyset$ / ___ [V + arredondada]
+sonorante

(15) r $\rightarrow \emptyset$ / ___ + o

- a. Kur- eneng-lĩ 'Nós o vimos'
1+2A3O-ver-REC

- b. | kut + ot + enen + li | 'Nós nos vimos'
| kur + or + eneng + li |
| ku $\emptyset$ + or + eneng + li |
Kw- or- eneng -li
1+2Sa-REF-ver-REC

D) [V - alta] $\rightarrow$ [V +alta] / ___ +[V -alta]
+ posterior +posterior +posterior
+ arredondada +arredondada -arredondada

(16) o $\rightarrow$ u $\rightarrow$ w / ___ + a

- a. | o + amto| 'Tua namorada'
/ wamto /

Os processos fonológicos não descritos nesta seção serão comentados durante o decorrer do trabalho.

2.2. A Língua Ikpeng dentro da Família Karíb

Como vimos anteriormente, durante o primeiro contato com o brancos houve a coleta de uma lista de vocábulos que, após analisada pelo lingüista do SIL/UnB, Ivan Low, permitiu identificar o Ikpeng como membro da família Karíb (Galvão e Simões, 1965: 13). Isso foi posteriormente confirmado por Menget (1977: 70-71), que afirma ser clara a ligação entre Txikão/Ikpeng e Arara.

Rodrigues (1986: 60), recoloca a questão da íntima relação entre o Arara e o Txikão/Ikpeng, demonstrando a distância entre esta e as demais línguas Karíb xinguanas.

Um dos trabalhos mais abrangentes sobre as Línguas Karíb foi feito por Durbin (1985). O autor esboça um quadro geral da família (reproduzido no anexo 3), organizando em blocos as línguas mais próximas e excluindo os dialetos. No quadro (Durbin, 1985: 58-60), o Ikpeng aparece como pertencente às línguas Karíb, em terras brasileiras, dentro do grupo das línguas faladas mais ao norte. O quadro deixa claro que o bloco onde se encontra o Ikpeng está relacionado ao bloco de línguas faladas fora do território brasileiro.

Rodrigues (1986: 63), ao apresentar o quadro das línguas Karíb dentro do território brasileiro, divide-as em dois grupos: as faladas ao norte do rio Amazonas (Apalaí, Atroari, Galibí do Oiapoque, Hixkaryána, Ingarikó, Kaxuiána, Makuxí, Mayongong, Taulipáng, Tiriyó, Waymirí, Waiwái, Warikyána, Wayána) e as faladas ao sul do rio

Amazonas (Arara do Pará, Bakairí, Kalapálo, Kuikúro, Matipú, Nahukwá, Txikão/Ikpeng).

Poucas diferenças separam os quadros de Durbin e Rodrigues, ao tratarem das línguas Karib faladas em terras brasileiras. Durbin tem como ponto de partida para o seu quadro as línguas Karib mais ao norte da América do Sul (Venezuela, Guiana, Suriname etc), e ao enquadrar as línguas Karib brasileiras, ele o faz a partir daquelas. Dentre os critérios empregados pelo autor, destaco dois: um deles usa o rio Amazonas e a costa do Atlântico ao norte da América do Sul como referência, o outro se vale da comparação lexical entre as línguas. Rodrigues (1986), como se propõe apenas tratar das línguas Karib em território brasileiro, é mais preciso, não excluindo os dialetos, como faz Durbin. O critério privilegiado por Rodrigues foi a comparação lexical das várias línguas da família (cf. p. 58-59). Nota-se, também, um destaque ao rio Amazonas como delimitador dos dois grupos de línguas, as que ficam ao norte e as que ficam ao sul desse rio.

Seria desejável que o critério a ser utilizado para agrupar as línguas Karib tomasse como base, além da comparação lexical, a comparação morfossintática, como faz Gildea (1992). Porém, como há carência de estudos gramaticais dessas línguas, fica difícil propor classificações usando tal critério.

Esperamos, com este trabalho, contribuir para o conhecimento do Ikpeng e para uma classificação mais plausível da língua dentro da família Karib, tomando como critério norteador a comparação morfossintática.

NOTA

1- Abaixo, apresentamos a matriz de traços que serviu de base para a descrição dos processos fonológicos que ocorrem em fronteira de morfema.

	p	t	tʃ	k	g	m	n	ɲ	l	r	w	y	a	e	i	ĩ	u	o
Consonantal	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-	-
Sonorante	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Vozeado	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
Labial	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	+	+
Contínuo	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	(+)	-						
Nasal	-	-	-	-	-	+	+	+	-	-	-	-						
Lateral	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-						
Coronal	-	+	+	-	-	-	+	-	+	+	-	(+)						
Anterior	+	+	-	-	-	+	+	-	+	+	-	-						
Estridente	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	(+)						
Alto													-	-	+	+	+	-
Baixo													+	-	-	-	-	-
Posterior													+	-	-	+	+	+
Arredondado													-	-	-	-	+	+

CAPÍTULO 2

CLASSES DE PALAVRAS EM IKPENG: ESTUDOS PRELIMINARES

O objetivo deste capítulo é apresentar uma proposta de descrição preliminar da morfossintaxe das principais classes de palavras na língua Ikpeng¹. Não será uma descrição exaustiva e nem definitiva. A finalidade do capítulo é oferecer um suporte para a descrição gramatical que será desenvolvida nos capítulos seguintes.

Para fundamentar o capítulo partimos das considerações encontradas nos trabalhos de Anderson (1985a; 1985b), Bybee (1985), Matthews (1974), Lyons (1979), Lehmann (1990) e, principalmente, no de Schachter (1985).

1. CLASSES DE PALAVRAS EM IKPENG

Schachter (1985: 3) mostra que, ao descrever as classes de palavras de uma língua natural, deve-se observar, prioritariamente, as suas propriedades gramaticais:

The grammatical properties of a word that are here taken to be relevant to its parts-of-speech classification include the word's distribution, its range of syntactic functions, and the morphological or syntactic categories for which it is specifiable.

Partindo das orientações do autor, optei por investigar dois tipos de informações gramaticais expressas pelas classes de palavras: as informações sintáticas, relacionadas às funções sintáticas que a palavra pode desempenhar na sentença (sujeito, objeto, modificador, núcleo do predicado etc), e as informações morfossintáticas, que estão relacionadas às categorias morfológicas e sintáticas para as quais elas são especificadas.

Partindo desses critérios, chegamos às seguintes classes de palavras em Ikpeng: nome, verbo, adjetivo, advérbio (classes abertas); pronomes, dêiticos, posposições, partículas (classes fechadas). As classes adjetivo e advérbio foram consideradas distintas, mesmo sabendo que Derbyshire (1985) observou no Hixkaryána semelhanças que o levaram a analisá-las como membros de uma única classe. Entretanto, em Ikpeng, encontramos comportamentos gramaticais diferentes nessas duas classes, o que nos levou a considerá-las distintas.

Nos itens abaixo, abordo cada uma delas.

2. O NOME

Há, pelo menos, três sub-classes de nomes em Ikpeng:

a) nomes não-possuídos: são os nomes que não ocorrem com o possuidor expreso.

- (17) a. txitxi 'sol'
 b. nuno 'lua'
 c. yay 'árvore'
 d. ameng 'terra'
 e. kok 'noite'

b) nomes possuídos: são nomes que ocorrem com o possuidor expresso.

- (18) a. i-lu-Ø 'minha língua'
 1-língua-GEN
 b. o-lu-Ø 'tua língua'
 2-língua-GEN
 c. wī-lu-Ø 'nossa (inc) língua'
 1+2-língua-GEN
 d. tximna lu-Ø 'nossa (exc) língua'
 1+3 língua-GEN
 e. i-lu-Ø 'sua língua'
 3-língua-GEN
 f. a-lu-Ø-ngmo 'língua de vocês'
 2-língua-GEN-COL
- (19) a. g-eng-ru 'meu olho'
 1-olho-GEN
 b. o-eng-ru 'teu olho'
 2-olho-GEN
 c. gw-eng-ru 'nosso (inc) olho'
 1+2-olho-GEN

d. *tximna* eng-ru 'nosso (exc) olho'
 1+3 olho-GEN

e. Ø-eng-ru 'olho dele'
 3-olho-GEN

f. o-eng-ru-ngmo 'olho de vocês'
 2-olho-GEN-COL

c. Nomes opcionalmente possuídos: são nomes que podem ocorrer com o possuidor expresso, mas têm um correspondente genérico, sem possuidor expresso, aplicado ao conjunto da espécie.

(20) a. *owro* 'casa (genérico)'

 b. *g-ew-ri* 'minha casa'
 1-casa-GEN

(21) a. *wayo* 'cuia (genérico)'

 b. *g-ayo-n* 'minha cuia'
 1-cuia-GEN

(22) a. *moropo* 'bolsa'

 b. *i-moropo-n* 'minha bolsa'
 1-bolsa-GEN

 c. *Txileni* Ø-moropo-n 'bolsa de Cilene'
 Cilene 3-bolsa-GEN

Nomes de animais são considerados não-possuídos. Entretanto, os animais de estimação, ou seja, possuídos, terão uma designação especial, conforme se vê abaixo:

- (23) a. kara 'arara'
- b. g-egĩ-Ø 'meu animal de estimação' (referindo-se a uma arara domesticada)
- 1-animal estimação-GEN

2.1. Propriedades gramaticais dos nomes

O nome Ikpeng é identificado por apresentar as seguintes propriedades gramaticais:

- a) pode ocupar a posição de sujeito, objeto de verbo transitivo e posposição, ou núcleo do predicado não-verbal;
- b) apresenta as categorias de posse e de número (no caso de nomes possuídos e opcionalmente possuídos).

2.1.1. Funções sintáticas

A) Exerce a função de sujeito ou objeto de verbo transitivo.

- (24) [N=SÚJ [V N=OBJ]PRED]
- Angpi Ø-apkore-lĩ wayo
- criança 3A3O-quebrar-REC cuia
- 'A criança quebrou a cuia'

B) Pode ser objeto de posposição.

- (25) [[SÚJ [V OBJ]PRED] [N=OBJ POSP]SP]
- Ugwon Ø-etpu-lĩ yay oke ge
- homem 3A3O-rachar-REC lenha machado INST
- 'O homem rachou lenha com machado'

C) Pode ocupar o núcleo do predicado não-verbal

- (26) [[[N]_{PRED} SUJ] ADV]
 Egak nen man tximna mĩragri erangron
 buruti DEIT PART nossa comida antigamente
 'Nossa comida antigamente era buruti'

Pode-se observar que o predicado não-verbal precede o sujeito na oração acima. O predicado é reconhecido em Ikpeng pela presença da partícula *man* dentro do seu escopo. Essa partícula ocorre após o dêitico nos predicados não verbais e após o verbo nos predicados verbais. No entanto, ela é opcional.

2.1.2. Categoria de posse

O nome manifesta categoria de posse expressa pelos prefixos de possuidor e sufixos genitivos. Há duas séries de prefixos de posse: a série 1 é afixada a radicais iniciados por vogal, e a série 2 a radicais iniciados por consoante. Caso o possuidor seja mais de um (plural), será sufixado, após a marca de genitivo, o afixo de coletivo *-ngmo* ~ *-kom*. Os sufixos genitivos estão no item 2.1.2.1.

Série 1: Radicais iniciados por vogal²

- (27) a. g-eng-ru 'meu olho'
 1-olho-GEN
 b. o-eng-ru 'teu olho'
 2-olho-GEN

- c. gw-eng-ru 'nosso (inc) olho'
1+2-olho-GEN
- d. tximna eng-ru 'nosso (exc) olho'
1+3 olho-GEN
- e. Ø-eng-ru 'olho dele'
3-olho-GEN
- f. o-eng-ru-ngmo 'olho de vocês'
2-olho-GEN-COL

Série 2: Radicais iniciados por consoante

- (28) a. i-lu-Ø 'minha língua'
1-língua-GEN
- b. o-lu-Ø 'tua língua'
2-língua-GEN
- c. wi-lu-Ø 'nossa (inc) língua'
1+2-língua-GEN
- d. tximna lu-Ø 'nossa (exc) língua'
1+3 língua-GEN
- e. i-lu-Ø 'sua língua'
3-língua-GEN
- f. a-lu-Ø-ngmo 'língua de vocês'
2-língua-GEN-COL
- (29) a. w-ayo-n-kom 'cuia de vocês'
2-cuia-GEN-COL

- b. o-ere-n-kom 'pulmão de vocês'
 2-pulmão-GEN-COL

A distinção entre coletivo e não coletivo se dá pela presença ou não do sufixo coletivo.

Encontramos uma partícula, *ninkîn*, que parece estar marcando o coletivo do possuidor, conforme mostramos no exemplo abaixo.

- (30) a. [Ikpeng *ninkîn* ayo-n]_{SN} Ø- ar- apkore -lĩ
 Ikpeng PL cuia-GEN 3-REF-quebrar-REC
 'A cuia dos Ikpeng (se) quebrou'

Abaixo, mostramos um quadro onde se pode observar as variações alomórficas condicionadas pela natureza do segmento inicial do radical nominal.

(31) TABELA DOS PREFIXOS DE POSSE

RADICAL N	1		2			1+2		3	
	g-	ĩ-	(o-~w-) ~ a-			gw-	~ wĩ-	i- ∞ e-	
a. -eren- 'pulmão'	+	-	+	-	-	+	-	-	+
b. -engru- 'olho'	+	-	+	-	-	+	-	-	+
c. -amto- 'namorada'	+	-	-	+	-	+	-	+	-
d. -laglu- 'saliva'	-	+	-	-	+	-	+	+	-
e. -lu- 'língua'	-	+	+	-	+	-	+	+	-
f. -pun- 'pé'	-	+	+	-	-	-	+	+	-
g. -mtag- 'comida'	-	+	-	-	+	-	+	-	+
SÉRIES =>	1	2	1	2		1	2		

Os alomorfes o-/w- são motivados por uma restrição fonotática, segundo a qual o pico silábico [o] não pode anteceder nem seguir o pico silábico [a]. Por esse motivo, [o] passa de pico a margem da sílaba, sendo interpretado como um glide (Emmerich, 1980: 69-70; Pacheco, 1995). No exemplo (d), a escolha de a- decorre de uma regra de harmonia vocálica. Segundo essa regra, se o segmento da primeira sílaba do radical for [+ baixa], a vogal do prefixo terá que ser também. Dessa forma, o-laglu seria menos harmônico que a-laglu. O fenômeno é encontrado em outros contextos como a alternância de or ~ ar, prefixados a verbos (veja-se o item sobre reflexivos, neste capítulo). A primeira pessoa exclusiva é marcada pela forma independente tximna e funciona para todos os nomes e verbos. Ela se comporta como um nominal.

Encontramos uma marca de reflexivo prefixada ao nome, conforme podemos observar abaixo:

- (32) a. K- aramí -lĩ ĩ- pĩ -n ĩna
 1Sa-olhar-REC 1-pé-GEN POSP:para
 'Eu olhei para o meu pé'
- b. Tximna aramí-lĩ tĩ- pĩ -n ĩna
 nós:exc olhar-REC REF-pé-GEN POSP:para
 'Nós (exc) olhamos para nossos pés'

2.1.2.1. Sufixos genitivos

Os nomes possuídos apresentam sufixos genitivos. São eles:

-n ∞ -rĩ ∞ -ru ∞ txi ∞ Ø. Distinguem-se da marcação de possuidor prefixada por não se relacionar à pessoa do possuidor. As variantes do

morfema de genitivo não parecem ser condicionadas fonologicamente. Os sufixos genitivos precisam de maior investigação.

Genitivo -n

- (33) a. wayo 'cuia(genérico)'
cuia
- b. g-ayo-n 'minha cuia'
1-cuia-GEN
- c. w-ayo-n 'tua cuia'
2-cuia-GEN
- d. gw-ayo-n 'nossa-in cuia'
1+2-cuia-GEN

- (34) a. g-amo-n 'minha unha'
1-unha-GEN
- b. okari Ø-amo-n 'unha de onça'
onça 3-unha-GEN

Genitivo -rĩ

- (35) a. owro 'casa (genérico)'
- b. g-ew-rĩ 'minha casa'
1-casa-GEN
- c. otko Ø-ew-rĩ 'casa/toca de tatu'
tatu 3-casa-GEN
- d. manga 'seio (genérico)'

- e. i-manga-rĩ 'meu seio'
 1-seio-GEN

Genitivo -ru

- (36) a. g-eng-ru 'meu olho'
 1-olho-GEN
- b. o-eng-ru 'teu olho'
 2-olho-GEN
- c. Ø-eng-ru 'olho dele'
 3-olho-GEN

Genitivo -txi

- (37) a. i-mpa-txi 'meu braço'
 1-braço-GEN
- b. a-mpa-txi 'teu braço'
 2-braço-GEN
- c. e-mpa-txi 'braço dele'
 3-braço-GEN

Genitivo -Ø

- (38) a. i-lu-Ø 'minha língua'
 1-língua-GEN
- b. o-lu-Ø 'tua língua'
 2-língua-GEN
- c. wi-lu-Ø 'nossa (inc) língua'
 1+2-língua-GEN

d. i-lu-Ø 'sua língua'
 3-língua-GEN

2.2. Formação do nome

2.2.1. Formação de nomes a partir de verbos

Os nomes podem ser formados através do processo conhecido como NOMINALIZAÇÃO³. Identificamos em Ikpeng os seguintes nominalizadores:

A) Nominalizador geral *-keni* ~ *-ni*: o status morfológico desse nominalizador ainda não está bem definido. Não se sabe se é um afixo ou uma partícula. Neste caso, será apresentado como sendo um sufixo⁴. Observem-se os exemplos abaixo.

(39) Nominalizador *-keni*

a. y-ange-lĩ	→	b. anget-keni	≈	c. ange-ni
1-cavar-REC		cavar-NOMZ		cavar-NOMZ
'Eu cavei (buraco)' 'Aquele que é cavador (de buracos)'				

d. muy	ange-ni	'Construtor de canoa'
canoa	cavar-NOMZ	

Note-se que em (39.a) temos o radical verbal *-ange-*, que é a base da palavra 'cavador'. O nominalizador *-keni* apresenta um alomorfe, *-ni*, formado a partir da queda da sílaba */.ke./*, conforme atestou Gildea nas demais línguas Karíb (Gildea, 1995)⁵.

B) Nominalizador **-tem** $\approx$ **-rem**: forma nominais derivados de verbos, indicando propensão.

- (40) a. Enmeptup tximna Ø-orik-txi
 amanhã nós:PRON 3S-dançar-NPAS
 'amanhã nós dançaremos'
- b. t-orik-tem
 PG-dançar-NOMZ
 'dançadores'

- (41) a. i-nki-nan
 1-dormir-CONT
 'Eu vou dormir'
- b. ti-nki-rem
 PG-dormir-NOMZ
 'dorminhoco'

Como podemos observar, o nominalizador **-tem** apresenta um alomorfe, **-rem**, que pode ser explicado pela seguinte regra: $t \rightarrow r / V_V$.

C) Nominalizador **-pot**: o morfema **-pot** forma nomes que indicam lugar, tempo, ação.

(42) Nominalizador **-pot**

- | | | |
|---------------|---|-----------------------------|
| a. Ø-arami-li | → | Ugwon Ø-aramit-pot karake |
| 3-olhar-REC | | homem 3-olhar-NOMZ bonito |
| 'Ele olhou' | | 'O olhar do homem é bonito' |

- b. Ø-arimtonḡ-lī → arimton-nget-ket-pot
 3-cozinhar-REC cozinhar-?-?-NOMZ
 'Ele cozinhou' 'cozinha (LOC)'

D) Nominalizador -towo: é afixado a radicais nominais para derivar nomes com sentido coletivo. Quando afixado a radicais verbais indica sujeito ou objeto da ação passada. Um dos problemas para a análise desse afixo é sua presença indicando perfectivo, quando sufixado a verbos dependentes que apresentam um só argumento. Demonstraremos seu emprego na formação das relativas no capítulo 4.

(43) Nominalizador(?) -towo

- | | | |
|----------------------|---|------------------------------|
| a. Petkom | → | b. petkom-towo |
| mulher | | petkom-NOMZ |
| 'mulher' | | 'mulherada/as mulheres(COL)' |
| | | |
| c. Ugwon | → | d. ugwon-towo |
| homem | | homem-NOMZ |
| 'homem' | | 'os homens (COL)' |
| | | |
| e. K-otx-i-ke-t | → | f. t-otx-i-ke-rem-towo |
| 1-REF-pescar-VZ-NPAS | | PG-REF-pescar-VZ-NOMZ-NOMZ |
| 'Eu vou pescar' | | 'pescaria' |

2.2.2. Formação de nomes a partir de nomes

Incluimos aqui os nomes formados a partir da adição de sufixos a raízes nominais. São eles:

A) Sufixo de diminutivo: -kori

- (44) a. wayo → b. wayo-kori
 cuia cuia-DIM
 'cuia' 'cuia pequena'

B) Formação de nomes indicando ausência, falta de algo ou deficiência física: pîn-pe.

- (45) a. eptxin → b. eptxi-n-pîn-pe keni
 perna perna-GEN-PERF-ATR aquele
 NEG
 'perna' 'Aquele que é sem perna'

- c. empatxi → d. empa-txi-wîn-pe keni
 braço braço-GEN-PERF-ATR aquele
 NEG
 'braço' 'Aquele que é sem braço'

- e. i-laput → f. t-e-lapu-rem → g. i-laput-pîn-pe
 1-barba PG-3-barba-NOMZ 3-barba-PERF-ATR
 NEG
 'minha barba' 'barbudo' 'sem barba'

Nos exemplos acima, estamos interpretando {pe} como sendo um sufixo. Entretanto, não sabemos se é um sufixo ou uma partícula. Keni está desempenhando a função de pronome relativo.

Os radicais nominais podem ser também formados a partir do acréscimo dos sufixos -pa, -non, -pîn⁶. Não se conhece, ainda, a função do sufixo -non.

- (46) a. i- wo -n -pa -non -pîn 'minha ex-camisa'
 1-camisa-GEN-NEG-?-PERF
- b. i- muye -wa -non -pîn 'minha ex-mulher'
 1-mulher-NEG- ? -PERF

As alternâncias $pa \approx wa$, $pîn \approx wîn$ pode ser explicitada pela seguinte regra fonológica: $p \rightarrow w / V_V$.

3. O VERBO

O verbo Ikpeng exerce a função de predicado ou de núcleo do predicado verbal. Estão divididos em, pelo menos, duas sub-classes: intransitivos e transitivos. São considerados intransitivos os verbos que apresentam apenas um argumento (S, na terminologia de Dixon, 1979) e transitivos os que apresentam dois argumentos (A e O, na terminologia de Dixon, 1979).

Os intransitivos podem ser sub-divididos em estativos e ativos. A divisão entre estativo e ativo é de natureza formal, pois aqueles recebem os prefixos da série I, e estes os afixos da série II (cf. item 3.1). Quanto aos transitivos, podem receber tanto os prefixos da série I quanto os da série II. Os verbos que ocorrem com objeto e com nominal mais posposição dativa não serão considerados bitransitivos, pois não há nenhuma marcação que os identifique nessa classe. Por conseguinte, as construções dativas serão tratadas como adjuntos, ao lado dos demais SNs regidos por posposição (alativo, instrumental, locativo etc). Abaixo, mostramos um exemplo com cada tipo de verbo:

Verbos Intransitivos

(47) [[SNSUJ [VIest]PRED]

- a. Angpi y-aginum-li
 menino 3So-chorar-REC
 'O menino chorou'

[SNSUJ [Vlativ]PRED]

- b. Angpi Ø-aranme-li
 menino 3Sa-correr-REC
 'O menino correu'

Verbos transitivos

(48) [SNSUJ [VT SNOBJ]PRED]

- a. Petkom Ø-erenmĩ -li itereku
 mulher 3A3O-matar-REC galinha
 'A mulher matou a galinha'

[[SNSUJ [VT SNOBJ]PRED] [SNOBJ POSP]SP]

- b. Petkom t-eru-li anat angpi ina
 mulher PG-dar-REC milho menino DAT
 'A mulher deu milho para o menino'

3.1. Categoria de pessoa

Os verbos manifestam categoria de pessoa expressa através de prefixos. Há duas séries de prefixos marcadores de pessoa:

(49) SÉRIE I

RADICAL VI _{estativo}	1S _O		2S _O		1+2S _O		3S _O	
	g-	ĩ-	o-/w-	a-	gw-	wĩ-	y-/i-	Ø-
a. -etpam- 'nascer'	+	-	+	-	+	-	-	+
b. -aginum- 'chorar'	+	-	-	+	+	-	+	-
c. -(e)nki- 'dormir'	-	+	+	-	-	+	+	-
d. -laktetke- 'cuspir'	-	+	-	-	-	+	-	+

(50) SÉRIE II

RADICAL VI _{ativo}	1S _A	2S _A	1+2S _A		3S _A
	k-	m-	kur-	kw-	Ø-
a. -omom- 'entrar'	+	+	-	+	+
b. -orengke- 'acordar'	+	+	-	+	+
c. -aranme- 'correr'	+	+	-	+	+
d. -enap- 'fumar'	{y-}	+	+	-	+

(i) Série I - é afixada nos verbos intransitivos estativos. Essa série é prefixada, também, nas posposições para marcar o seu objeto pronominal e nos verbos nominalizados (cf. capítulo 4).

Verbos intransitivos estativos

(51) Radicais iniciados por vogal

- a. g-aginum-lĩ 'eu chorei'
1So-chorar-REC

- b. w-aginum-lĩ 'você chorou'
2So-chorar-REC
- c. gw-aginum-lĩ 'nós (inc) choramos'
1+2So-chorar-REC
- d. tximna aginum-lĩ 'nós (exc) choramos'
1+2 chorar-REC
- e. y-aginum-lĩ 'ele chorou'
3So-chorar-REC

(52) Radicais iniciados por consoante

- a. i-laktetke-lĩ 'eu cuspi'
1-cuspir-REC
- b. a-laktetke-lĩ 'você cuspiu'
2-cuspir-REC
- c. wĩ-laktetke-lĩ 'nós (inc) cuspimos'
1+2-cuspir-REC
- d. tximna laktetke-lĩ 'nós (exc) cuspimos'
1+3 cuspir-REC
- e. i-laktetke-lĩ 'ele cuspiu'
3-cuspir-REC

(ii) Série II - essa série de afixos identifica os verbos intransitivos ativos. Observem-se os exemplos abaixo:

(53) Verbo intransitivo ativo

- a. k- oreng -ke -lĩ 'eu acordei/levantei da rede'
1Sa-acordar-VBZ-REC

- b. m- oreng -ke -lĩ 'você acordou'
2Sa-acordar-VBZ-REC
- c. kw- oreng -ke -lĩ 'nós (inc) acordamos'
1+2Sa-acordar-VBZ-REC
- d. tximna oreng -ke -lĩ 'nós acordamos'
1+3Sa acordar-VBZ-REC
- e. Ø- oreng -ke -lĩ 'ele acordou'
3Sa-acordar-VBZ-REC

Os verbos transitivos podem receber tanto os prefixos da série I quanto os da série II. Nos transitivos, os afixos da série I indicam que a 1ª e a 2ª pessoas são sujeitos da oração e a 3ª pessoa é o objeto. Os da série II indicam que a 3ª pessoa é o sujeito e a 1ª e/ou 2ª pessoa são o objeto. Por isso, os afixos da série I marcam 1 e 2 na posição de objeto, sendo a posição de 3 (sujeito) a não marcada. Sustentamos a hierarquia 1,2 > 3 na marcação de pessoa dos verbos transitivos, conforme observamos nos dados abaixo⁷:

1 e 2 na função sujeito (agente)

- (54) a. k- ineng -lĩ 'eu vi você (mas você não me viu)'
1A2O-ver-REC
- b. m- eneng -lĩ 'você o viu'
1A3O-ver-REC
- c. kur- eneng -lĩ 'nós o vimos'
1+2A3O-ver-REC

- d. tximna eneng-li 'nós (exc) o vimos'
1+3A3O ver-REC
- e. y- eneng-li 'eu o vi'
1A3O-ver-REC
- f. y- eneng -li angpi 'eu vi o menino'
1A3O-ver-REC menino
- g. Petkom Ø- eneng -li angpi 'A mulher viu o menino'
Mulher 3A3O-ver-REC menino

1 e 2 na função de objeto (paciente)

- (55) a. Txileni g- erang -ob -li
Cilene 3A1O-assustar-CAUS-REC
'Cilene me assustou'
- b. Txileni o- erang -ob -li
Cilene 3A2O-assustar-CAUS-REC
'Cilene assustou você'
- c. Txileni w- erang -ob -li
Cilene 3A1+2O-assustar-CAUS-REC
'Cilene nos (inc) assustou'
- d. Txileni Ø-erang -ob -li
Cilene 3A3O-assustar-CAUS-REC
'Cilene o assustou'
- e. Txileni tximna erang -ob -li
Cilene 1+3 assustar-CAUS-REC
'Cilene nos (exc) assustou'

- b. t- otupit uro 'Estou satisfeito/saciado'
 PG-satisfeito eu:PRON
- c. K-ar-agwawong-li' 'Eu me cansei'
 1Sa-REF-cansar-REC
- d. Ø-ar-agwawon-|t| Prantome
 3Sa-REF-cansar-NPAS Frantomé
 'Frantomé vai ficar cansado'
- e. T-agawong-ke etxi Prantome
 PG-cansar-VBZ AUX Frantomé
 'Frantomé vai ficar cansado'

Em (d), o sufixo de não-passado, -t, foi apagado, pois é de mesma natureza do segmento final do radical, ou seja, ambos são consoantes [+coronais].

3.2. Marcação de caso

O caso em Ikpeng não se encontra marcado no nominal, aparece marcado dentro do SV através dos marcadores de pessoa prefixados ao radical verbal. Não apresenta ergatividade marcada morfológicamente através dos prefixos pessoais. Abaixo, mostramos um quadro com os prefixos marcadores de pessoa em verbos intransitivos e transitivos.

(58) TABELA COM OS MARCADORES DE PESSOA EM VI

	1	2	1+2	3
So	g- ~ i-	(o- ~ w-) ~ a-	gw- ~ wi-	i- ~ y-
Sa	k-	m-	kur- ~ kw-	Ø-

(59) TABELA COM OS MARCADORES DE PESSOA EM VT

	10	20	1+20	30
1A	—	k-	—	y-
2A	w- ~ ^g w-	—	—	m-
1+2A	—	—	—	kur-
3A	g-	o-	ugw-	Ø-

Observe-se que:

a) a marcação So é similar à marcação 3A → 1, 20;

b) a marcação Sa é similar à marcação 1, 2A → 30.

Isso nos mostra que há uma cisão na marcação de caso das orações independentes em Ikpeng. Essa cisão é determinada pela hierarquia pessoal: 1, 2 > 3 (a primeira e a segunda pessoas serão sempre marcadas quando estiver envolvida a terceira pessoa, à exceção do prefixo y- que marca 30) (alguns aspectos da hierarquia de pessoa aplicada ao Ikpeng encontram-se em Campetela, 1995)⁹.

3.3. Reflexivo e causativo

O verbo apresenta morfemas de reflexivo e de causativo. O morfema de reflexivo é prefixado, e o de causativo sufixado ao radical verbal.

O morfema de reflexivo apresenta os seguintes alomorfes:

or- ≈ ar- ∞ otɿ. A forma básica do morfema de reflexivo é |ot-|, que apresenta o alomorfe ar- por causa de uma regra de harmonia vocálica, segundo a qual uma vogal posterior média assimila traços da vogal central baixa presente na sílaba seguinte. Entretanto, a alternância or- ∞ otɿi- não parece ter, aparentemente, nenhum condicionamento fonológico. A função do morfema reflexivo é diminuir a valência do verbo.

(60) a. y- eneng -lĩ

1A3O-ver-REC

'Eu o vi'

b. k-or-eneng-lĩ emĩt enenpot parap

1-REF-ver-REC espelho LOC

'Eu me vi no espelho'

c. Omringo wok y- eng -lĩ txiliktxilikenĩ

banco LOC 1A3O-pôr-REC caneta

'Eu pus a caneta sobre o banco'

d. g- eng -lĩ

3A1O-pôr-REC

'Ele me pôs'

- e. K- **otxi-** eng -li
 1Sa-REF-pôr-REC
 'Eu me pus'
- f. Y- apko -re -li
 1A3O-quebrar-VBZ-REC
 'Eu quebrei a cuia'
- g. Ø- ar -apko -re -li
 3Sa-REF-quebrar-VBZ-REC
 'A cuia (se) quebrou'

O morfema causativo apresenta os seguintes alomorfes: **mepo** ($\approx$ **metpo**) $\approx$ **po** $\approx$ **nopo** ($\approx$ **nop**) $\approx$ **op**. Os alomorfes do causativo podem ser explicados via regra de redução silábica (Gildea, 1995) e assimilação de traços¹⁰. A função do causativo é aumentar a valência do verbo.

- (61) a. Y- eneng -li
 1A3O-ver-REC
 'Eu vi (algo)'
- b. Y- eneng -**po** -li
 1A3O-ver-CAUS-REC
 'Eu o fiz ver/Eu mostrei(algo)'
- c. G- erangi -li
 1So-assustar-REC
 'Eu me assustei/ Eu levei um susto'
- d. Txileni g-erang-**ob**-li
 Cilene 3A1O-assustar-CAUS-REC
 'Cilene me assustou' (Lit. 'Cilene fez-me assustar')

- e. Txuko y-enet-pĩn
 suco 3-azedo-PERF
 'Suco azedo'
- f. Y- ene -nopo -lĩ txuko
 1A3O-azedo-CAUS-REC suco
 'Eu deixei o suco azedo'
- g. Angpi Ø- apko -re -lĩ wayo
 menino 3A3O-quebrar-VBZ-REC cuia
 'O menino quebrou a cuia'
- h. Emangatkuri Ø -apkot -metpo -lĩ wayo angpi ina
 menina 3A3O-quebrar-CAUS-REC cuia menino DAT
 'A menina fez o menino quebrar a cuia'

Um verbo causativizado pode ser reflexivizado. Vejam-se os exemplos abaixo:

- (62) a. y-enen-po-lĩ
 1A3O-ver-CAUS-REC
 'Eu mostrei (algo)'
- b. k- or- enen -po -lĩ ong-na
 1Sa-REF-ver-CAUS-REC 2-DAT
 'Eu me mostrei (para você)' (Lit.: 'Eu fiz você me ver')

3.4. Categoria de tempo e aspecto

O verbo Ikpeng manifesta as categorias de tempo e aspecto, expressas por morfemas sufixados ao radical verbal. A língua distingue, basicamente, dois tempos: o passado e o não-passado. O passado pode

ser subdividido em pelo menos dois: recente e remoto. A categoria de aspecto é mais difícil de delimitar. Contudo, no presente estágio de investigação, distinguem-se pelo menos duas formas: continuativo e iterativo¹¹.

(63) Passado remoto (REM)

m-arep-tan
2-chegar-REM
'Você chegou'

(64) Passado recente (REC)

k-areb-li
1-chegar-REC
'Eu cheguei'

(65) Não-passado (NPAS)

a. Janeiro wok k-aran-txi o-ngna-ngne
janeiro em:POSP 1-ir-NPAS 2-DAT-PL
'Em janeiro vou estar com vocês' (Lit. 'Em janeiro vou vir para
estar com vocês)

b. Uro y-uku -t
eu 1A3O-cantar-NPAS
'Eu vou cantar (uma música)'

(66) Aspecto continuativo: -nang

a. k-ara-nang man
1-ir-CONT PART
'Eu estou indo embora'

(67) Aspecto iterativo: -ke

- a. Korotowĩ t- wo -lĩ nane tae
 Korotowĩ PG-matar-REC um macaco
 'Korotowĩ matou macaco'
- b. Korotowĩ t- wot -ke -lĩ arak tae
 Korotowĩ PG-matar-ITER-REC dois macaco
 'Korotowĩ matou dois macacos'

O sistema de marcação tempo/aspecto não está totalmente definido. Há várias questões para serem, ainda, estudadas. Dentre elas está a definição dos morfemas de tempo/aspecto: -tante; -lan; -tat. Abaixo, mostramos exemplos de suas ocorrências:

(68)

a. Sufixo -tante

Y-enen-tante ugwon pirom t- eru -ni -n -pĩn angpi ina
 1A3O-ver-? homem flecha PG-dar-NOMZ:A-GEN-PERF menino DAT
 'Eu conheço o homem que deu flecha para o menino'

b. Sufixo -lan

y-aginum-lan
 3So-chorar- ?
 'Ele chorou'

c. Sufixo -tat

Akari Ø-etpo-tat-ke-lĩ angpi
 cachorro 3A3O-morder-?-?-REC menino
 'O cachorro mordeu o menino'

O morfema -tante pode estar marcando o passado remoto durativo, e

-lan o passado recente durativo, ambos atestados por Derbyshire (1985) no Hixkaryána. Quanto ao sufixo -tat, parece co-ocorrer com -ke. Possivelmente, marca iteratividade, mas não há maiores evidências para se afirmar isto. Em (c), não está clara a função de -ke.

3.5. Imperativo

O imperativo (IMP) se exprime por meio de sufixos acrescentados ao radical verbal. São eles: -ko (ordem); -ta (convite/permissivo)); -ka $\approx$ ga $\approx$ k (permissivo). Demonstramos, abaixo, suas ocorrências:

(69) a. Anep-ko

trazer-ORD

'Traz!'

b. Arep-ko

chegar-ORD

'Venha aqui!'

(70) a. Ip -ta -ga

banhar-PERM-PERM

'Pode ir banhar!'

b. Ma kutx- ip -ta

Ir 1+2-banhar-CONV

'Vamos banhar!'

- c. Arang-ko-ga
ir embora-ORD-PERM
'Pode ir!'
- d. O-nkü-ka
2-dormir-PERM
'Pode dormir!'
- e. Y-eneng-ka
1S-ver-PERM
'Deixa-me ver!'
- f. Arami-k
olhar-IMP
'Olha!'

Os alomorfes -ka e -ga podem ser descritos pela seguinte regra:

$k \rightarrow g / V_V$. O imperativo precisará ser retomado em futuras pesquisas.

3.6. Formação do verbo

Os verbos podem ser formados a partir de elementos de outras classes. Não foi feito, ainda, um levantamento exaustivo das possibilidades de derivação verbal. Abaixo, ilustramos como se forma um verbo a partir de um radical nominal, sufixando-se o morfema -pang.

O sufixo *-re* indica processo e forma verbos intransitivos ativos; *-ke* indica estado e forma verbos intransitivos estativos. A alternância *te-* $\approx$ *re-* pode ser compreendida pela regra: $t \rightarrow r / V_V$.

3.7. Estrutura do verbo Ikpeng

O verbo Ikpeng apresenta a seguinte estrutura básica:

(74)	P 2	P 1	P 3	P 4	P 5	P 6
	[[pref2 [pref1 [raiz] suf1] suf2] suf3] suf4]verbo]					
	PESSOA	REF	VBZ	CAUS	T/A	COL

A primeira posição é ocupada pelo reflexivo (*pref 1*); a segunda pelos marcadores de pessoa (*pref 2*); a terceira pelo verbalizador (*suf 1*); a quarta pelo causativo (*suf 2*); a quinta pelas marcas de tempo/aspecto (*suf 3*); e a sexta pela marca de coletivo/plural (*suf 4*). Abaixo, apresentamos alguns exemplos ilustrando tais posições:

(75)

- a. Yay [pref 2 [Ø [ampo]_{raiz} re]_{suf 1} nang]_{suf 3}]verbo
 arvore 3Sa-folha -VBZ -CONT
 'A arvore está criando folha'

- b. [pref 2[y [egak]_{raiz} te]_{suf 1} mpo]_{suf 2} li]_{suf 3}]verbo
 1A3O-sair -VBZ -CAUS -REC
 'Eu o fiz sair'

- c. [pref 2[k pref 1[or [eneng]_{raiz} li]_{suf 3}]verbo
 1Sa- REF- ver -REC
 'Eu me vi'
- d. [pref 2[k pref 1[or [enen]_{raiz} po]_{suf 2} li]_{suf 3}]verbo
 1Sa- REF- ver -CAUS -REC
 'Eu me mostrei'
- e. [pref 2[Ø pref 1[or [enen]_{raiz} get]_{suf} ke]_{suf} li]_{suf 3} ngmo]_{suf 4}]verbo
 3Sa -REF -ver- ? ? -REC - COL
 'Eles se viram'

Em (e), os sufixos -get e -ke não estão definidos. Parecem ser uma reduplicação do morfema -ket, e, pelo que tudo indica, parece estar marcando aspecto.

4. ADJETIVO

Sintaticamente, os adjetivos funcionam como MOD(ificadores) de um nome no escopo do sintagma nominal, podendo, também, ocupar o núcleo do predicado não-verbal.

- (76) a. [[SA]_{PRED} [MOD N]_{SUJ}]
 Karake kara arogri
 bonito arara penas
 'As penas da arara são bonitas'
- b. [[MOD N]_{SUJ} [SA]_{PRED}]
 G-egu arogri karake
 1-animal penas bonito
 'As penas do meu animal de estimação são bonitas'

- (77) a. [[SA]_{PRED} [MOD N MOD]_{SUJ}]
 Karake kara arogrí anakgriwan
 bonito arara penas amarelas
 'As penas amarelas da arara são bonitas'
- b. [[[N MOD]_{SUJ} [V [N MOD]_{OBJ}]_{PRED} [S_{OBJ} POSP]_{SP}]
 Petkom i^hkap t-eru-lí polatxa tagwetken angpi ina
 mulher alta PG-dar-REC bolacha doce menino DAT
 'A mulher alta deu bolacha doce para o menino'

Diferentemente do português e de outras línguas europeias, o Ikpeng não apresenta, em algumas orações, cópula realizada¹².

4.1. Formação do adjetivo:

Os adjetivos foram divididos, para os fins deste trabalho, em não-derivados e derivados de outras classes. Os adjetivos derivados podem ser formados a partir do acréscimo de -tu ou -pín. Os não-derivados não apresentam nenhuma marca derivacional. Podem ser identificados pela posição sintática em que ocorrem, podendo ser antes ou depois do núcleo que modificam. Seguem-se, abaixo, alguns exemplos.

Adjetivos não-derivados

- (78) a. Petkom i^hkap 'A mulher (é) alta'
 mulher alta
- b. Petkom i^hkap t-eru-lí polatxa tagwetken angpi ina
 mulher alta PG-dar-REC bolacha doce menino DAT
 'A mulher alta deu bolacha doce para o menino'

c. Tawule angpi 'O menino (é) leve'
leve menino

d. Txitxi ĩrĭp 'O sol (está) quente'
sol quente

Adjetivos derivados

- (79) a. Ø- apkore -lĭ wayo
3Sa-quebrar-REC cuia
'A cuia quebrou (não sozinha)'
- b. Y- eneng -lĭ wayo **apko-tu**
1A3O-ver-REC cuia quebrar-ADJZ
'Eu vi cuia quebrada'
- c. Ø- or- etpu -lĭ wayo
3Sa-REF-rachar-REC cuia
'A cuia rachou' (Lit.: 'A cuia partiu-se ao meio')
- d. Nen awrat et -pĭn
esta rede quebrar-PERF
'Esta rede é velha' (ou seja, 'está rasgada')

Considero difícil definir lexicalmente os adjetivos em Ikpeng. Entretanto, observei que:

- a) apesar de não haver uma diferença semântica entre os adjetivos formados com -tu e com -pĭn, o sufixo -pĭn parece ser mais produtivo;
- b) Talvez o sufixo -tu se afixe somente a um determinado número de radicais com determinadas características semânticas.

A partir de um levantamento lexical amplo, poderemos dizer se as duas afirmações acima são verdadeiras. A partir do corpus disponível no momento, elas não podem ser testadas empiricamente.

5. ADVÉRBIO

O advérbio é uma classe que se comporta, sintaticamente como adjunto, podendo ocorrer no início, no final ou no meio da sentença. Alguns deles podem ser identificados pelos sufixos *-nole* e *-to*. O sufixo *-pop* pode ser considerado um adverbializador, não havendo, todavia, evidências para a confirmação da hipótese. Mostramos abaixo alguns exemplos com advérbios:

(80) [ADV_{ADJTO} [V SUJ OBJ]]

- a. **Kongonye** t- wot -k -ang iroyĩ tae
tarde:ADV PG-matar-ITER-CONT pai macaco
'Ontem à tarde, meu pai matou macacos'

[[PRED] SUJ] ADV_{ADJTO}]

- b. **Egak** nen man tximna mĩragri erangron.
buruti DEIT PART nossa comida antigamente:ADV
'Antigamente nossa comida era buruti'

[ADV_{ADJTO} [V LOC]]

- c. **Atxagotpop** i- p- txi ik-gwaktxi
sempre:ADV 1S-banhar-NPAS rio-LOC
'Eu me banho sempre nesse rio'

[[V OBJ] [ADV_{ADJTO} REL]]

- d. **Y-eneng-li** petkom atxagotpop wot arimto-nin
1A3O-ver-REC mulher sempre:ADV peixe cozinhar-NMZ
'Eu vi a mulher que sempre cozinha peixe'

(81) a. K-ĩrĩp-nole Ø-otxi-ke-lĩ i-mano wot yukutket.

?-quente:ADV 3-sair-?-REC 1-irmão peixe pegar

'Bem cedo, meu irmão saiu para pegar peixe'

b. Nen-to

PRÓX-ADVZ

'aqui'

c. Mun-to

DIST-ADVZ

'lá'

d. Nen -to -logon

PRÓX-ADVZ-EV(?)

'aqui mesmo'

6. POSPOSIÇÃO

As posposições são núcleos dos sintagmas posposicionais (SPs), que, como os advérbios, ocupam a posição de adjunto. O SP pode ser composto pela posposição mais o objeto pronominal afixado, ou pela posposição mais o objeto nominal a ela preposto. A morfologia flexional que marca os objetos pronominais das posposições é a mesma que marca

o possuidor nos nomes. Apresentam a categoria de número, expressa pelo sufixo de plural *-ngne*, que concorda com seu objeto. Abaixo, apresentamos algumas delas, mostrando seu comportamento sintático e os significados ou casos semânticos que veiculam:

A) Posposição *ina* ≈ *na*: marca os casos dativo. Em combinação com a forma *txi-*, indica direção a (alativo).

(82) [OBJ POSP]

- a. Petkom t- eru -lĩ inot angpi ina
mulher PG-dar-REC pequi menino DAT
'A mulher deu milho para o menino'

[OBJ POSP]

- b. Angpi Ø-ero-lĩ poxto txi-na
menino 3Sa-ir-REC posto DIR-ALAT
'O menino foi para o posto'

B) Posposição *ke* ≈ *ge*: marca o caso instrumental

(83) [OBJ POSP]

- a. Egak ke t- am -nang -mo owro
buruti INST PG-construir-CONT-COL casa
'Estão fazendo casa com buruti'

[OBJ POSP]

- b. Ugwon Ø-etpu -lĩ yay oke ge
homem 3S3O-rachar-REC lenha machado INST
'O homem rachou lenha com machado'

C) Posposição *pok* ~ *wok*: indica localização no tempo e no espaço.

(84) [OBJ POSP]

- a. ĩ-meguntan ĩpĩa Ø-egem-erem nen petkom **pok**
 1-pulseira coco 3-fazer-NOMZ DEIT' mulher LOC
 'A mulher está usando pulseira de tucum'
 (Lit: 'A pulseira feita de tucum está na mulher')

[OBJ POSP] [OBJ POSP]

- b. ĩ-narut Ø-amitke-lĩ ampirak engru **wok** eptxin **pok**
 1-irmã 3A3O-picar-REC mosquito olho LOC perna LOC
 'O mosquito picou minha irmã no olho e na perna'

- c. 'Janeiro' **wok** k-aran-txi o-ngna-ngne
 janeiro LOC 1Sa-ir-NPAS 2-DAT-COL
 'Em janeiro vou estar com vocês'

D) Posposição **parap** $\approx$ **warap**: posposição locativa que significa dentro.

[OBJ POSP]

- (85) Y- anmet -po -lĩ -ngmo muy **warap**
 1A3O-empurrar-CAUS-REC-COL canoa LOC:dentro
 'Eu os empurrei dentro da canoa'

E) Posposição **paraktxi** $\approx$ **waraktxi**: posposição locativa que indica movimento para dentro. Parece ter se formado da junção de **para+ktxi** (dentro+para).

- (86) Angpi petkom t- eru -lĩ wa polatxa eng-na keni
 menino mulher PG-dar-REC ? bolacha 3-DAT REL

[OBJ POSP]

Ø-ero-lĩ tukto wara-ktxi
 3-ir-REC roça LOC:para dentro de
 'O menino para quem a mulher deu bolacha foi para a roça'

Em construções do tipo 'ir para o rio', há a presença de -ktxi:

[OBJ POSP]

- (87) Angpi Ø- ero -lĩ ga gwa -ktxi
 menino 3Sa-ir-REC água LOC:em direção a
 'O menino foi para o rio'

F) Posposição pak ≈ wak: significa em companhia de (comitativo).

[OBJ POSP]

- (88) a. K- ineng -lĩ petkom pak
 1A2O-ver-REC mulher COM
 'Eu vi você com a mulher'

[OBJ POSP]

- b. K-ineng-lĩ akari wak
 1A2O-ver-REC cão COM
 'Eu vi você com o cachorro'

G) Posposição warantup: significa 'de dentro de' (elativo).

- (89) Owro warantup Ø- egak -te -lĩ
 casa ELAT 3S-sair-VBZ-REC
 'Ele saiu de dentro da casa'

6.1. Objeto pronominal nas posposições

As posposições apresentam flexão de pessoa prefixada à posposição. Os marcadores de pessoa são os mesmos que se prefixam aos nomes para indicar posse. Nas posposições, porém, esses elementos marcam o objeto pronominal. Apresentam a categoria de número expressa pelo sufixo *-ngne*. Vejam-se os exemplos abaixo:

- (90) a. Petkom t- eru -lĩ polatxa angpi ina
 Mulher PG-dar-REC bolacha menino POSP
 'A mulher deu milho para o menino'
- b. Petkom t-erulĩ polatxa ĩ-|ĩ|na
 mulher PG-dar-REC bolacha 1-POSP
 'A mulher deu bolacha para mim'
- c. o-ngna '...para você'
 2-POSP
- d. ugw-ina '...para nós (inc)'
 1+2-POSP
- e. tximna na '...para nós (exc)'
 1+3-POSP
- f. e-ngna '...para ele'
 3-POSP
- g. o-ngna-ngne '...para vocês'
 2+2-POSP-PL
- i. ugw-ina-ngne '...para todos nós'
 1+2-POSP-PL
- j. e-ngna-ngne '...para eles'
 3+3-POSP-PL

A forma básica da posposição dativa é *ina*. Quando o afixo de primeira pessoa *i-* é prefixado a ela, ocorre o apagamento de um dos segmentos na forma fonética. Isso ocorre porque não são permitidas seqüências de vogais, idênticas ou não, na língua.

7. PRONOME

Estou chamando pronome à classe fechada de palavras que têm a função de substituir um nominal ou representar a 1ª e a 2ª pessoas do discurso. Distinguem-se da marcação pronominal afixada por constituírem itens lexicais independentes. Apresentamos alguns deles:

A) Pronomes pessoais: podem ocupar as posições argumentais (sujeito ou objeto) nas sentenças declarativas e interrogativas.

(91) a. T-orenpan uro tupi mĩram pok
PG-saber eu:PRO branco palavra POSP
'Eu sei falar língua de branco'

b. K- ineng -ĩĩ omro
1A2O-ver-REC você:PRO
'Eu vi você'

c. T- otupit -ket uguro
PG-satisfeito-? nós-exc:PRON
'Nós (inc) estamos satisfeitos'

d. Tximna eneng-ĩĩ
nós ver-REC
'Nós (exc) vimos'

e. Ugun t-eru-li tximna na
 ele:PROX PG-dar-REC nós-ex DAT
 'Ele deu para nós'

Os pronomes, como pôde ser observado, aparecem antes ou depois do verbo. Contudo, será necessário, em futuras pesquisas, investigar quais as posições onde não podem ocorrer. O pronome de primeira pessoa exclusiva (1+2) se comporta como os nominais.

B) Pronomes Demonstrativos ou Dêiticos: indicam uma referência espacial em relação ao falante ou ouvinte no discurso (cf. Givón, 1990). Indicam graus de animacidade. Abaixo, apresentamos um quadro com os dêiticos.

(92) QUADRO DE DEITICOS

	P R Ó X I M O		D I S T A N T E	
	[+animado]	[-animado]	[+animado]	[-animado]
singular	oren	nen	ugun	mun
plural	wam	neyam	ugyam	muyam

Abaixo, apresentamos alguns exemplos com dêiticos:

(93)

a. Oren man 'Ele estava também'
PROX PART

b. Nen kara wugut
PRÓX arara pena
'Isto é uma pena de arara'

c. Ugun t- eru -lĩ tximna na
DIST PG-dar-REC nós-ex DAT
'Ele deu para nós (exc)'

d. Tawule mun 'Aquilo é leve'
leve DIST

No quadro, as formas de plural apresentam a terminação *-am*, que supomos ser a marca de plural dos dêiticos.

C) Pronomes Interrogativos: são usados para pedir informação acerca de elementos desconhecidos no discurso. Ocorrem no início da sentença. O morfema *-tom* indica o plural/coletivo nas sentenças interrogativas. Apresentamos alguns deles:

(94)

a. Onok Ø-arimtung wot? 'Quem cozinhou o peixe?'
quem 3A3O-cozinhar peixe

b. Onok pak m-arimtung-lĩ-ngmo 'Com quem vocês cozinham?'
quem POSP 2A3O-cozinhar-REC-COL

- c. *Ari m-arimton-tom?* 'O que vocês cozinham?'
o que 2A3O-cozinhar-COL
- d. *Ari warap m-arimton-tom* 'Em que vocês cozinham?'
que POSP 2A3O-cozinhar-COL
- e. *Ari wok m-arimtong-li-ngmo?* 'Quando(em que ocasião)
que POSP 2A3O-cozinhar-REC-COL vocês cozinham?'
- f. *Ari ge m-arimtong-li?* 'Com que você cozinhou?'
que POSP 2A3O-cozinhar-REC
- g. *Arato m-arimtong-li-ngmo?* 'Por que vocês cozinham?'
por que 2A3O-cozinhar-REC-COL
- h. *Nen-to omro?* 'Onde você mora?'
onde-LOC você?
- i. *Otum ina Ø-ero-nang-mo?* 'Para onde eles estão indo?'
onde POSP 3Sa-ir-CONT-COL
- j. *Arakeni m-origu-li-ngmo?* 'Quando vocês dançaram?'
quando 2Sa-dançar-REC-COL

8. PARTÍCULAS

Chamaremos de partículas, nesta língua, a uma classe fechada de elementos que desempenham funções gramaticais e/ou semânticas específicas dentro da sentença ou de seus constituintes, como, por exemplo, a expressão da evidencialidade, aspecto e atitudes/crenças do falante. Sintaticamente, exercem influência dentro do escopo ou domínio em que se inserem.

Utilizamos, neste trabalho, pelo menos dois critérios para identificar as partículas: a) pode-se colocar entre elas e o elemento a que estão relacionadas um item lexical, o que descarta a possibilidade de serem afijos; b) caso não se possa colocar um item lexical entre esses dois elementos, a partícula será identificada por aparecer seguindo um verbo, um nome ou dêitico. Identificamos as seguintes partículas:

A) Partícula *keni*

Ocorre nos seguintes contextos:

- 1) Aparece no final das orações relativas, desempenhando, nessa posição, pelo menos duas funções: a de elemento co-referencial, marcador da posição relativizada; a de elemento delimitador de escopo do SN complexo.

(95)

- a. Angpi Ataki mun [y-aginum-nang pa *keni*]
 menino Ataki filho 3So-chorar-CONT ? REL
 'O menino que está chorando é filho de Ataki'

- b. Petkom [Ø-erenmĩ-nang pa itereku *keni*]
 mulher 3A3O-matar-CONT ? galinha REL

t-eru-lĩ anat angpi ina

PG-dar-REC milho menino DAT

'A mulher que está matando a galinha deu milho para o menino'

c. Petkom [itereku Ø-erenmĩ-nang pa **keni**]
mulher galinha 3A3O-matar-CONT ? REL

t-eru-lĩ anat angpi ina
PG-dar-REC milho menino DAT

'A mulher que está matando a galinha deu milho para o menino'

Em (b), foi aplicado o critério (a), pois foi possível colocar um item lexical entre **keni** e o verbo. O sinal de interrogação em {pa} mostra que não sabemos qual a função e o significado desse elemento na gramática Ikpeng.

2) Coordena nominais em SNs complexos.

(96)

a. Y-eneng-lĩ [orokgiagpo panapilungo **keni**]
1A3O-ver-REC cocar brinco COORD
'Eu vi cocar e/com brinco'

b. Melobo t- eru -lĩ topkak [Txilene Prantome **keni** ningkĩn] ina
Melobô PG-dar-REC arco Cilene Frantomé COORD PL DAT
'Melobô deu arco para Cilene e Frantomé'

c.[Melobo Iokore **keni** ningkĩn] t- eru -lĩ Txilene |ĩ|na
Melobô Iokoré COORD PL PG-dar-REC Cilene DAT
'Melobô e Iokoré deram (arco) para Cilene'

Keni, nesses exemplos, aparece ocupando uma posição fixa, delimitando o escopo do SN complexo. Ela pode seguida pela forma **ningkĩn**, que indica plural.

B) Partícula *man*

A partir da observação de contextos discursivos, nota-se que tal partícula parece indicar "declaração", pois não foi encontrada em sentenças interrogativas ou imperativas. Nos exemplos abaixo, observa-se sua ocorrência:

(97)

- a. Egak nen *man* tximna mīragri erangron
buruti DEIT PART nossa comida antigamente
'Buruti era nossa comida antigamente'
- b. Tupi oren *man* i-mano t- wo -nin -pīn
branco DEIT PART 1-irmão PG-matar-NMZ:A-PERF
'Esse branco (no desenho) é o matador de meu irmão'

(98)

- a. Tximna Ø-ero-nang *man*
1+3 3Sa-ir-CONT PART
'Nós (exc) estamos indo'
- b. Imenelogon uro *man* y-ukut-ke-pra
agora:ADV eu PART 1A3O-cantar-VBZ-NEG
'Agora eu não canto mais'

(99)

- | | |
|---|---|
| a. -Ara mun txitxi?
quanto DIST sol
'Que horas são?' | b. -Tutu <i>man</i>
oito horas PART
'São oito horas' |
| c. -Ari wok ukowo
qual POSP (?nós)
'Que dia é hoje' | d. -kinta <i>man</i>
quinta feira PART
'É quinta-feira' |

No decorrer do trabalho, aparecerá um elemento que figura como forma independente: {pa}. Esse elemento apresenta comportamento de partícula, apesar de não sabermos, claramente, sua função.

NOTAS

1- O capítulo se baseou em análises preliminares realizadas por Seki (1994) e Gildea (1994); por Campetela (1995) e Pacheco (1994).

2- A marcação de pessoa foi discutida por Campetela (1995).

3- As nominalizações estão presentes nas estruturas das orações subordinadas. No capítulo 4, mostraremos como elas são utilizadas nos processos de formação das relativas.

4- O forma {keni}, nesses exemplos, apresenta um comportamento similar ao dos sufixos. Observamos a existência de várias formas {keni}, sendo necessário um estudo mais aprofundado desse(s) elemento(s).

5- Gildea (1995) descreve como ocorre a redução silábica na família Karib a partir da comparação de algumas línguas da família.

6- O morfema pa foi encontrado em construções contendo negação como: karake 'bonito, bom' → karake-wa 'feio, ruim'. A partir dessa evidência, optamos por chamá-lo de NEG (sufixo negativo).

7- Campetela (1995) sustenta essa hierarquia para o Ikpeng.

8- O termo "sufixo geral" (PG), foi empregado por Derbyshire (1985).

9- A marcação de caso em Ikpeng é o tema da dissertação de mestrado que está sendo elaborada por Cilene Campetela (UNICAMP).

10- Gildea (1995) demonstra que esses processos podem ser explicados via prosódia. Penso que em Ikpeng o tipo de sílaba .CVC. influencia na organização dos segmentos ao nível da palavra (Pacheco, 1995).

11- As categorias de tempo e aspecto em Ikpeng não estão totalmente definidas. Este item é apenas uma análise bastante abrangente de um dos aspectos mais complexos da gramática da língua.

12- Um dos aspectos que precisam ser investigados em Ikpeng é a existência de cópula no passado e no não-passado, fato atestado em outras línguas Karib (Gildea, 1993; Derbyshire, 1985).

CAPÍTULO 3

CONSIDERAÇÕES SOBRE A MORFOSSINTAXE DA ORAÇÃO INDEPENDENTE

O objetivo deste capítulo é apresentar, de forma geral, como se organiza a oração básica (independente) na língua Ikpeng, bem como discutir alguns aspectos das orações causativizadas.

O capítulo está dividido em quatro partes: a primeira trata da noção de oração independente; a segunda trata da oração não-verbal; a terceira da oração verbal intransitiva e transitiva; a quarta apresenta alguns aspectos da oração causativizada na língua.

1. A ORAÇÃO INDEPENDENTE

Por oração, entendemos aquela unidade de organização gramatical que é menor que a sentença, mas maior do que os sintagmas, palavras e morfemas (Crystal, 1988:189). É geral a aceitação de que a oração independente é composta minimamente por dois elementos básicos: o SUJEITO e o PREDICADO, sendo que este último pode ou não conter um

verbo. A oração independente, como diz o nome, não depende de nenhuma outra e pode constituir sozinha uma sentença, ao contrário das dependentes.

Do ponto de vista funcional, a oração independente, ou a sentença simples, é o meio pelo qual é codificada a informação proposicional no discurso. Essa informação diz respeito à natureza do estado/evento ou sobre o tipo de participante nela codificado (Givón, 1984: 85).

Classificaremos a oração independente Ikpeng em, pelo menos, dois tipos:

- a) Oração verbal: se apresentar um elemento verbal em seu predicado;
- b) Oração não-verbal: se não apresentar um elemento verbal em seu predicado.

O tipo (a) será assim subdividido: oração verbal intransitiva (contendo um verbo intransitivo) e oração verbal transitiva (contendo um verbo transitivo).

Em nossa análise, não distinguimos o tipo bitransitivo por não haver evidências suficientes para identificá-lo. Discutiremos esse fato no item 3.3.

2. ORAÇÃO NÃO-VERBAL

A oração não-verbal em Ikpeng apresenta no seu predicado um nominal, um adjetivo ou um adverbial. Vejam-se os exemplos abaixo:

(100) a. [[SA]_{PRED} [MOD N]_{SUJ}]

Karake kara arogri

bonito arara penas

'As penas da arara são bonitas'

b. [[SA]_{PRED} [MOD N MOD]_{SUJ}]

Karake kara arogri anakgriwan

bonito arara penas amarelas

'As penas amarelas da arara são bonitas'

c. [[MOD N]_{SUJ} [SA]_{PRED}]

G-egu arogri karake

1-animal penas bonito

'As penas do meu animal de estimação são bonitas'

(101) a. [[SN]_{PRED} [SN]_{SUJ} [ADV]_{ADJTO}]

Egak nen man tximna miragri erangron

buruti DEIT PART nossa comida antigamente

'Nossa comida antigamente era buruti'

b. [[SN POSP_{LOC}]_{PRED} [SN]_{SUJ}]

Tukto warap nen man parakutu.

roça LOC DEIT PART mandioca doce

'Dentro da roça há mandioca doce'

c. [SA]_{PRED} [SN]_{SUJ}

Tumok nen man egutpîn

gostoso DEIT PART bebida

'A bebida dela é gostosa'

As setenças acima apresentam a estrutura [[_{PRED}] _{SUJ}] ou [_{SUJ} [_{PRED}]]. O predicado não-verbal pode ser identificado nas orações em (101) através da partícula *man*, que aparece dentro de sua estrutura imediatamente após o dêitico. A partícula *man* pode ocorrer no

predicado verbal imediatamente após o verbo. Por isso, suponho que nas orações não-verbais esteja, também, marcando o escopo do predicado. Observei, todavia, que a partícula *man* é opcional. Acredito que ela funcione como um evidencial ou como marcadora de sentenças declarativas (uma espécie de partícula de ato de fala) (cf. capítulo 2).

2.1. Outros tipos de orações não-verbais

Além dos tipos acima, existem, pelo menos, mais dois tipos de construções não-verbais.

A) Orações com o elemento *ipe*

(102)

a. Wot *ipe* omro?

peixe ATR PRON:você

'Você tem peixe?'

b. Wot *im-pe*

peixe NEG-ATR

'Não tem peixe'

c. G-amto-Ø |i|pe uro

1-namorada-GEN ATR PRON:eu

'Eu tenho namorada'

d. Komtxi |i|pe

frio ATR

'Está frio'

Nos exemplos acima *ipe* parece exercer a função de elemento predicativo. O status morfológico desse elemento contudo, não está

totalmente definido, pois não se sabe se é uma partícula ou um sufixo. Para nossos fins, consideramos *ipe* como sendo uma partícula, apesar de haver a necessidade de uma melhor definição, futuramente.

B) Construções com a posposição *ina*

Atestamos esse tipo de construção não verbal nas orações que seguem:

(103) SUJ

a. Karake $\emptyset$ eng-|ĩ|na

bonito 3-POSP

'Ele gosta (de alguém)' (Lit. 'Alguém é bonito para ele')

SUJ

b. Karake $\emptyset$ ĩ-|ĩ|na

bonito 1-POSP

'Eu gosto (de alguém)' (Lit. 'Alguém é bonito para mim')

SUJ

c. Karake uro Maria ina

bonito eu Maria 1-POSP

'Maria me acha bonito' (Lit. 'Eu sou bonito para Maria')

SUJ

d. Karake txiliktxilikeni ĩ-na

bonito caneta 1-POSP

'Eu gosto da caneta' (Lit. A caneta é bonita para mim')

O objeto da posposição *ina* é um experienciador, isto é, aquele que experiencia um 'fato psicológico' (Raposo, 1992). A forma básica da

posposição se confunde com a forma flexionada de primeira pessoa que seria *ĩ-|ĩ|na*, havendo o apagamento de um /i/ na forma fonética. Nesse caso, tal coincidência pode gerar questionamentos sobre a forma básica da posposição dativa.

3. ORAÇÃO VERBAL

3.1. Oração intransitiva

Chamamos de oração intransitiva àquele tipo de oração que apresenta em sua estrutura um verbo intransitivo. Esse tipo de verbo apresenta apenas um argumento, que se encontra fora do escopo do predicado, e o designamos SUJEITO INTRANSITIVO. Se o verbo receber a marca *So*, o seu argumento será chamado **ARGUMENTO So**; entretanto, se receber a marca *Sa*, será chamado **ARGUMENTO Sa**, conforme mostraremos a seguir (para conferir tais noções, ver: Dixon, 1979 e 1989)¹.

Argumento So

(104) Vest So

a. Y-aginum-lan i-mano

3So-chorar-? 1-irmão

'Meu irmão chorou'

Argumento Sa

(105) Sa Vativ ADV

a. Iokore Ø-or-enpare-lĩ erangron

Iokoré 3Sa-REF-pintar-REC já

'Iokoré já está pintado'

	ADV	Sa	Vativ
b.	Enmeptup	tximna	orik-txi
	amanhã	nós:PRON	dançar-NPAS
	'amanhã nós dançaremos'		

	Sa	Vativ
c.	Angpi	Ø-aranme-li
	menino	3Sa-correr-REC
	'O menino correu'	

Nos exemplos acima nota-se que o sujeito de terceira pessoa na função de Sa está marcado no verbo com o prefixo Ø-: 3Sa e que a função So é marcada pelo prefixo y-: 3So. Esses prefixos identificam as duas classes de verbos intransitivos que existem em Ikpeng: os estativos e os ativos. Veja-se também a presença do morfema reflexivo or- prefixado ao radical verbal. Sua função, segundo nossa análise, seria: (i) marcar um tipo de voz diferente da ativa e da passiva, a reflexiva (Givón, 1990); (ii) derivar um verbo intransitivo de um transitivo.

A ordem na oração intransitiva pode ser VS ou SV. Caso exista um constituinte diferente de S, este ocupará, preferencialmente, as margens da oração.

3.2. Oração transitiva

Oração transitiva é aquela que contém em sua estrutura um verbo transitivo, ou seja, um verbo que apresenta em sua grade argumental um sujeito (A) e um objeto direto (O).

- (106) a. A V O
 Ogoy Ø-etpotatke-lĩ angpi
 cobra 3-morder-REC menino
 'A cobra mordeu o menino'
- b. V A O
 Ø-Twotke-lan ĩ-roymĩ polepa yorogrĩ
 3-flechar-REM 1-pai pacu matrinchã
 'Meu pai flechou pacu, matrinchã'
- c. O V A
 ĩ-narut Ø- amitke -lĩ ampirak engru wok eptxin pok
 1-irmã 3A3O-picar-REC mosquito olho LOC perna LOC
 'O mosquito picou minha irmã no olho e na perna'

Observe-se que a possibilidade de ordem dos constituintes são três: AVO, VAO, OVA. Observe-se, também, que o constituinte que não ocupa posição argumental fica, preferencialmente, na periferia da sentença. Abaixo apresentamos algumas ordens não aceitáveis:

- (107) A V O
 a. Txileni Ø-etxi-lĩ kaneta
 Cilene 3A3O-comprar-REC caneta
 "Cilene comprou uma caneta"
- O A V
 b. * Kaneta Txileni Ø-etxi-lĩ
- A O V
 c. * Txileni kaneta Ø-etxi-lĩ

Será preciso verificar, em futuras pesquisas, quais fatores sintáticos e pragmáticos influenciam na ordem de constituintes na oração transitiva.

3.3. Oração com nominal regido pela posposição dativa

Este tipo de oração apresenta um verbo transitivo com um elemento nominal + posposição dativa (ina). Optamos por não chamá-la de oração bitransitiva, por não haver evidências que demonstrem ser esse constituinte um objeto indireto. Identificamos essas construções como adjuntos ao lado das demais envolvendo posposição, como locativo, instrumental etc.

(108) Oração com dativo

[[A	[	V	O]]	O	POSP	O	POSP]
Petkom	t-eru-li	anat	angpi	ina	morangringo	arimtonget-keni	parap
mulher	PG-dar-REC	milho	menino	DAT	comida	cozinhar-NOMZ	LOC
'A mulher deu milho para o menino dentro da cozinha'							

Como pôde ser observado, o Ikpeng marca com posposições os casos não atribuídos a S, A e O, como ocorre com o dativo e o locativo².

4. ORAÇÃO CAUSATIVIZADA

Oração causativizada é o nome dado à oração que tem acrescentada à sua estrutura um segundo agente ("causer", na terminologia de Comrie, 1989), que age sobre o agente da oração básica ("causee", *ibid.*). Comrie (1989: 174ss) observa que há mudança nas relações

sintáticas dentro da sentença que tem esse segundo agente adicionado. Para explicar as mudanças que ocorrem no processo de causativização das orações, o autor propõe uma hierarquia de posições que podem ser ocupadas pelo "causee" na oração causativizada. Abaixo, apresentamos essa hierarquia:

(109) HIERARQUIA DAS POSIÇÕES QUE PODEM SER OCUPADAS
PELO "CAUSEE"

suj > obj > obj ind > obj oblíquo > obj de comparação

Segundo o autor, o "causee" ocupará uma dessas posições na oração causativizada, sendo que a primeira posição será evitada por já estar preenchida pelo "causer", restando as que estão abaixo na hierarquia.

No Ikpeng, se a oração básica for transitiva, a posição de objeto da oração causativizada também será descartada por já estar preenchida pelo objeto da oração básica, restando, pois, a posição imediata a esta, ou seja, a de dativo, que na hierarquia corresponderia ao OBJ IND. Apesar de haver línguas que duplicam o seu objeto nesse tipo de construção, o Ikpeng não se encontra entre elas (cf. Comrie, 1989:178).

No Ikpeng há dois tipos de causativos: um morfológico e outro lexical. O causativo morfológico exprime-se pelos morfemas: mepo ~ me ~ po ~ pot ~ nopo ~ nbo ~ ob. O causativo lexical é representado pelo verbo -anom-, que significa 'madar fazer'. Analiso, aqui, apenas as orações que apresentam o causativo morfológico.

Demonstramos, a seguir, como o Ikpeng causativiza a oração intransitiva e transitiva, indicando qual a posição ocupada pelo "causee" na oração causativizada.

4.1. Causativização da oração intransitiva

A causativização de uma oração intransitiva, envolvendo causativo morfológico, pode ocorrer de duas maneiras:

- a) se for uma oração com um VIestativo, o sujeito da oração intransitiva não-causativizada ("causee") ocupará a posição de objeto da oração causativizada;
- b) se for uma oração com um VIativo, o sujeito da oração não-causativizada ("causee") será interpretado como dativo, na oração causativizada, conforme mostramos nos exemplos abaixo:

- So VIest
- (110) a. Angpi y- aginum -lĩ
 menino 3So-chorar-REC
 'O menino chorou'

- | | |
|------------------------------------|------------|
| CAUSER=suj | CAUSEE=obj |
| b. Txileni y- aginum -po -lĩ | angpi |
| Cilene 3A3O-chorar-CAUS-REC menino | |
| 'Cilene fez o menino chorar' | |

- Sa VIativ
- (111) a. Angpi Ø- aranme -lĩ
 menino 3Sa-correr-REC
 'O menino correu'

- | | | | | |
|------------------------------|------------|-----------------|------------|-----|
| | CAUSER=suj | | CAUSEE=dat | |
| b. Txileni | Ø- | aranmet -ke -lĩ | angpi | ĩna |
| Cilene | 3A3O- | correr-?-REC | menino | DAT |
| 'Cilene fez o menino correr' | | | | |

Será preciso investigar, em pesquisas posteriores, se a oração onde o "causee" aparece no dativo não pode ter a mesma configuração da oração onde o "causee" aparece na posição de objeto, e se o inverso também é possível, bem como verificar se a natureza do verbo (estativo ou ativo) condiciona a codificação gramatical do "causee" na oração intransitiva causativizada.

4.2. Causativização da oração transitiva

Na causativização da oração transitiva, envolvendo causativo morfológico, o "causee" ocupará a posição de dativo.

- (112) A V O
- a. Petkom Ø-erenmĩ-lĩ itereku
mulher 3-matar-REC galinha
'A mulher matou a galinha'

- | | | | | |
|--|------------------|--------|------------|---------|
| | CAUSER=suj | | CAUSEE=dat | |
| b. Ugwon | Ø-erenmĩt-po-lĩ | petkom | ĩna | itereku |
| homem | 3-matar-CAUS-REC | mulher | DAT | galinha |
| 'O homem fez a mulher matar a galinha' | | | | |

As sentenças acima demonstram como o Ikpeng reorganiza os seus argumentos dentro das orações transitivas causativizadas. A língua optou, do ponto de vista tipológico, por preencher a posição de dativo

com o sujeito expresso na transitiva não-causativizada. Isso mostra que a hierarquia proposta por Comrie (1989: 176) é empiricamente comprovada em Ikpeng, no que se refere às funções S, A e O.

NOTAS

1- As funções sintáticas serão identificadas pelos seguintes indicadores:

S = sujeito de verbo intransitivo;

So = sujeito de verbo intransitivo estativo;

Sa = sujeito de verbo intransitivo ativo;

A = sujeito de verbo transitivo;

O = objeto.

Esses indicadores foram propostos por Dixon (1979) (cf. lista de abreviaturas).

2- Há a possibilidade de o prefixo t-, prefixado ao verbo -eru- 'dar', estar marcando o objeto. No momento, estamos considerando tal prefixo como PG (prefixo geral).

CAPÍTULO 4

MORFOSSINTAXE DA ORAÇÃO RELATIVA

O objetivo do capítulo é descrever alguns aspectos da morfoossintaxe das orações relativas, enfatizando-se os processos de formação da relativa e as estratégias usadas para marcar na relativa o nominal relativizado.

O capítulo está dividido em quatro partes: a primeira apresenta uma definição para a subordinação oracional; a segunda trata da localização do Ikpeng na tipologia das relativas; a terceira apresenta algumas estratégias de relativização, discutindo, também, a existência de relativas finitas (não-nominalizadas) e as funções das nominalizações na relativização; a quarta demonstra como se dá a marcação do núcleo nominal na relativa.

1. A ORAÇÃO DEPENDENTE

A oração dependente ou subordinada é aquela que não pode constituir sozinha uma sentença, pois depende sintática e semanticamente

de uma outra oração, denominada matriz ou principal. Para Lehmann (1989:182),

Subordination may (...) be conceived as a form of clause linkage. If syntagms (clauses) X and Y are in a relation of clause linkage, then X is subordinate to Y iff X and Y form an endocentric construction Z with Y as the head.

Note-se que Lehmann adotou um critério (sintático) geral para definir a oração subordinada. O que se pode acrescentar a esse critério é o fato de tais orações aparecerem marcadas morfologicamente por partículas subordinadoras (conjunções, pronomes relativos), por morfemas afixados ao verbo, por um pronome anafórico (co-referencial), ou ainda através da posição da oração dependente dentro da sentença complexa, bem como pela ordem dos seus constituintes. As línguas podem optar por uma ou outra estratégia (forma) de subordinação, ou mesclá-las, como ocorre nas línguas românicas.

As línguas indígenas brasileiras empregam, geralmente, como recurso de subordinação a nominalização do verbo dependente (Derbyshire, 1994; Brandon e Seki, 1981; Gildea 1994). O Ikpeng não foge à regra, empregando a nominalização como marcadora do verbo subordinado (os afixos nominalizadores são tratados no capítulo 2).

As subordinadas em Ikpeng foram classificadas conforme a função que desempenham dentro da oração matriz, podendo ser completivas (funcionando como complemento do verbo da oração matriz), relativas (funcionando como modificadoras de um nominal presente na oração matriz) e adverbiais (desempenhando o papel de modificadoras do verbo da principal).

Neste capítulo trataremos apenas das relativas.

2. TIPOLOGIA DAS POSIÇÕES OCUPADAS PELA RELATIVA NA SENTENÇA

A oração relativa se caracteriza por funcionar como modificadora do núcleo nominal de um SN. Ela apresenta um comportamento sintático que muito chamou a atenção da Tipologia Lingüística, especialmente na década de setenta, quando se questionava quais posições poderiam ser relativizadas. Nessa época se destaca o já clássico trabalho de Keenan e Comrie (1977), dentre outros. Na década de oitenta, Lehmann (1986), num trabalho que resume o original em alemão lançado no mesmo ano, amplia as conclusões daquele.

Toda essa reflexão se deve ao fato de serem as relativas um campo rico para se testarem relações sintáticas inter-oracionais, como a anáfora. As generalizações conseguidas com esses trabalhos vêm sendo sempre reiteradas por novas pesquisas que as confirmam e aperfeiçoam.

Aqui não foi arrolada toda a literatura sobre a relativa. Tomaram-se apenas os trabalhos mais conhecidos e representativos, como os de Keenan (1985) e Comrie (1989), ligados ao de Keenan e Comrie (1977), de Lehmann (1986) e de Givón (1979 e 1990). Neste trabalho não se considerará a extensa reflexão feita sobre o fenômeno na Gramática Gerativa, privilegiando-se os trabalhos em Tipologia Lingüística.

2.1. Tipos de relativas

De acordo com Lehmann (1986), as orações relativas podem ser classificadas segundo dois critérios:

- i) presença ou não do núcleo nominal dentro da sua estrutura;
- ii) sua posição em relação à oração principal.

Para (i) propõe a seguinte divisão: núcleo nominal interno ("internal-head") e núcleo nominal externo ("external-head"). Para (ii) propõe dois tipos: as adjungidas e as encaixadas. As adjungidas podem ser prepostas ou pospostas à oração principal, e as encaixadas, circum-nominais (envolvendo a cabeça nominal) e adnominais (pré-nominais ou pós-nominais). Abaixo, mostramos uma adaptação do quadro, proposto pelo autor, cruzando essas informações:

(113) Quadro dos tipos de Relativas (Lehmann, 1984):

	A	B
	ADJUNGIDA	ENCAIXADA
I. NUC. NOMINAL INTERNO	preposta	circum-nominal
II. NUC. NOMINAL EXTERNO	posposta	adnominal: 1) pós-nominal 2) pré-nominal

O quadro expressa como as línguas do mundo organizam não só as estruturas das relativas, mas as estruturas onde elas se encontram (as sentenças complexas). Note-se que a questão básica do quadro é a posição da relativa em relação à oração principal. Entretanto, decidir se uma construção está encaixada ou não em outra não é tarefa fácil, principalmente se o nominal estiver dentro da relativa (Tipo I). Caso o nominal se encontre fora da sua estrutura, algumas questões parecem

ser de mais fácil resolução, pois haverá todo um jogo de recursos formais que ajudarão a definir o domínio da relativa e sua relação com o nominal modificado. Como em Ikpeng nos deparamos com estruturas do tipo II, não consideraremos o tipo I.

2.2. A oração relativa Ikpeng

A Língua Ikpeng será classificada como uma língua do Tipo II-B1 (NÚCLEO NOMINAL EXTERNO / PÓS-NOMINAL), como podemos observar nos exemplos abaixo:

- (114) a. Y- eneng -lĩ petkom [itereku Ø- erenmĩ -nin -pĩn]REL
1A3O-ver-REC mulher galinha 3A3O-matar-NOMZ:A-PERF
'Eu vi a mulher que matou a galinha'

- b. Y- eneng -lĩ itereku [petkom Ø- n- erenmĩt -pĩn]REL
1A3O-ver-REC galinha mulher 3A3O-NOMZ:O-matar-PERF
'Eu vi galinha que a mulher matou'

- c. Petkom [itereku Ø- erenmĩ -nin -pĩn]REL
mulher galinha 3A3O-matar-NOMZ:A-PERF

t- eru -lĩ anat angpi ĩna
PG-dar-REC milho manino-DAT

'A mulher que matou a galinha deu milho para o menino'

- d. Petkom t-eru-lĩ anat angpi ĩna
mulher PG-dar-REC milho menino DAT

[emangatkuri Ø- n- iko -tu]REL
menina 3-NOMZ:O-colher- ?

'A mulher deu para o menino o milho que a menina colheu'

Em (d), temos um caso em que a relativa aparece não adjacente ao núcleo. Entretanto, ela jamais aparecerá antes do nome relativizado. Creio que a adjunção da relativa em Ikpeng ocorrerá apenas nos casos que não gerem ambigüidade, como nesse caso, onde a relativa não poderia ser interpretada como relacionada a 'menino', mas sim a 'milho'. Um fato que precisará ser investigado futuramente é a função do sufixo -tu nos processos de formação das relativas.

3. FORMAÇÃO DAS RELATIVAS EM IKPENG

As línguas naturais fazem uso de diversas estratégias para formar relativas. Dentre elas, interessa-nos aquela empregada preferencialmente pelo Ikpeng: a nominalização do verbo da encaixada. Givón (1994: 664) assim caracteriza essa estratégia:

In many languages, REL-clauses as well as verb complements and adverbial clauses are all nominalized, so that only main clauses have fully finite syntax. Such languages often make a morphological distinction between subject and object nominalization. Such distinction may serve as a case-recoverability strategy in relativization.

A estratégia acima referida é a mais empregada entre as línguas da Família Tupi e Karib, como é mostrado por Gildea (1994:164) no seu estudo sobre a nominalização de objeto, por Derbyshire (1994:180), sobre a subordinação e nominalização, e por Brandon e Seki (1981), sobre a não universalidade de COMP. Não entraremos em detalhes acerca do papel das nominalizações nas diversas línguas indígenas, pois elas envolvem questões teóricas acerca de sua natureza formal e funcional

que não interessam de imediato à nossa discussão. Faz-se necessário acrescentar, também, que há evidências para postularmos em Ikpeng a existência de relativas não nominalizadas, conforme será mostrado no item 3.3 deste capítulo.

Nos itens abaixo apresentaremos as estratégias utilizadas pelo Ikpeng para relativizar as diversas posições ocupadas pelo nominal na sentença, mostrando a interrelação entre nominalização, subordinação e marcação de papéis sintáticos e semânticos.

3.1. Estratégias de relativização em Ikpeng

Há, pelo menos, duas estratégias de relativização em Ikpeng: i) estratégia I usada no perfectivo, onde o verbo da encaixada ocorre nominalizado; ii) estratégia II usada no não-perfectivo, onde o verbo da encaixada ocorre na forma finita (não-nominalizado). O perfectivo é identificado pelos morfemas *-towo*, *-towon*, *-pîn*. O não-perfectivo, pelos morfemas *pa* e *keni*. O verbo nominalizado recebe os prefixos da série I, que são os mesmos que se prefixam aos nomes possuídos e aos verbos intransitivos estativos. O verbo não-nominalizado recebe os afixos da série II, que se afixam a verbos intransitivos ativos, podendo receber os sufixos de tempo e aspecto que se afixam a verbos independentes.

3.2. Posições relativizadas em Ikpeng

No português, como nas demais línguas românicas, todas as posições ocupadas por um nominal na sentença podem ser relativizadas. Entretanto, isso não é verdadeiro para todas as línguas naturais. Há

línguas que só relativizam os nominais na posição de sujeito ou objeto, e outras que, além dessas duas posições, relativizam a posição de objeto indireto, mas não relativizam as posições periféricas. Para explicar esse fato, Keenan e Comrie (1977) propuseram uma hierarquia de posições sintáticas que poderiam ser relativizadas.

(115) HIERARQUIA DAS POSIÇÕES QUE PODEM SER RELATIVIZADAS

sujeito > objeto > objeto indireto > oblíquo > genitivo > objeto de
comparação

No quadro acima, '>' significaria 'é mais acessível que' (por exemplo, sujeito é mais acessível que objeto, e assim por diante). Segundo os autores as línguas relativizariam as posições da esquerda para a direita, sendo a de sujeito a mais 'relativizável' (Restrição da Relativização Primária, segundo os autores). Caso houvesse um corte numa das posições abaixo da primeira, isto é, caso não pudesse ser relativizada, as seguintes também não poderiam.

A proposta merece algumas críticas. Primeiramente, porque as posições propostas pelos autores não contemplam o caso das línguas ergativas, que não tratam o sujeito da oração intransitiva como o da oração transitiva. Segundo, porque as línguas podem empregar diferentes estratégias para relativizar as diversas posições do nominal na sentença, distinguindo, por exemplo, a relativização das posições argumentais ou nucleares (S, A, O, na nomenclatura de Dixon, 1979) das demais não argumentais, como ocorre em Ikpeng (para mais detalhes, ver Givón, 1990; Lehmann, 1986 e as próprias considerações de Keenan e Comrie, 1977: p. 82). Essas questões, no entanto, não

reduzem o mérito da proposta, que é original e teoricamente relevante para o estudo dos Universais da Linguagem.

Para testar as estratégias de relativização em Ikpeng, separamos as posições relativizadas em dois grupos: posições argumentais e posições não-argumentais.

3.2.1. Relativização das posições argumentais ou nucleares

3.2.1.1. Relativização de S

Para relativizar a posição/função S, a língua utiliza duas estratégias:

- i) estratégia I: nominaliza o verbo com o sufixo *-rem + -towo*;
- ii) estratégia II: marca a posição relativizada com *keni*, e adiciona após o verbo a forma *pa ~ wa*, conforme se vê abaixo:

Relativização de S

- (116) a. Angpi Ø-aranme-lĩ
 menino 3S-correr-REC
 'O menino correu'

- b. Angpi [t-aranme-rem-towo] Ø-ero-lĩ Ø-ip-te
 menino PG-correr-NOMZ:S-PERF 3S-ir-REC 3S-banhar-se-FIN
 'O menino que correu foi tomar banho'

- c. Angpi Ø-aranme-nang
 menino 3S-correr-CONT
 'O menino está correndo'

d. Ĭ-wari angpi [Ø-aranme-nang pa keni]
 1-amigo menino 3S-correr-CONT ? REL
 'O garoto que está correndo é meu amigo'

e. Angpi i-rompo-lĩ
 menino 3Sa-falecer-REC
 'O menino/a criança morreu'

f. Y- eneng -lĩ angpi ti-rompo-rem-towo
 1A3O-ver-REC menino 3-morrer-NOMZ:S-PERF
 'Eu vi menino que morreu'

Não se sabe ainda o que é a partícula *pa*. Pode-se supor que seja uma partícula aspectual ou auxiliar temporal, pois ocorre somente em construções que não se encontrem no perfectivo ou passado remoto. O prefixo *ti-* indica terceira pessoa reflexiva em nomes possuídos, como, por exemplo, *ti-pĩn* 'pé dele mesmo'. Por isso, interpreto-o em (f) como indicando 3 (terceira pessoa).

3.2.1.2. Relativização de A

Em Ikpeng, a relativização de A pode ser identificada sob duas formas:

- i) estratégia I: o verbo dependente recebe a marca *-nin* sufixada ao radical. A essa marca nós designamos 'nominalizador de sujeito'. O sufixo *-nin* só ocorre quando for usado no mesmo verbo o sufixo de particípio passado (PERF) *-pĩn*.
- ii) estratégia II: quando a relativa não se encontrar no perfectivo, isto é, quando não apresentar o sufixo *-pĩn*, ocorrem três modificações:

- a) acrescenta-se ao final da oração relativa a partícula **keni**;
- b) a posição de objeto da relativa poderá ocupar uma de duas posições: ou fica entre o verbo e a partícula **keni**, ou aparece na frente da oração relativa;
- c) acrescenta-se após o verbo a partícula **pa ~ wa**.

Observem-se as sentenças abaixo.

- (117) a. Petkom Ø-erenmĩ-lĩ itereku
mulher 3A3O-matar-REC galinha
'A mulher matou a galinha'

- b. Petkom [itereku Ø- erenmĩ -nin -pĩn]
mulher galinha 3A3O-matar-NMZ:A-PERF

t-eru-lĩ anat angpi ĩna
PG-dar-REC milho menino DAT
'A mulher que matou a galinha deu milho para o menino'

- c. Petkom Ø-erenmĩ-nang itereku
mulher 3A3O-matar-CONT galinha
'A mulher está matando a galinha'

- d. Petkom [Ø-erenmĩ-nang pa itereku keni]
mulher 3A3O-matar-CONT ? galinha REL

- t-eru-lĩ anat angpi ĩna
PG-dar-REC milho menino DAT
'A mulher que está matando a galinha deu milho para o menino'

- e. Petkom Ø-erenmĩ-t itereku
mulher 3A3O-matar-FUT galinha
'A mulher vai matar galinha'

f. Petkom [Ø-erenmĩ-t pa itereku keni]

mulher 3-matar-FUT ? galinha REL

t-eru-lĩ anat angpi ĩna

PG-dar-REC milho menino DAT

'A mulher que vai matar a galinha deu milho para o menino'

3.2.1.3. Relativização de O

Ao contrário do que ocorre com a nominalização de sujeito, a de objeto envolve um prefixo. Gídea (1994), ao comparar as estruturas envolvendo nominalização em diversas línguas da família, atestou a existência desse prefixo, que apresenta algumas idiossincrasias, dentre as quais a de ser um morfema derivacional prefixado, diferente dos demais, que são sufixados. Em Ikpeng, nesse mesmo tipo de estrutura podemos observar a existência de um prefixo que parece ser o encontrado pelo autor nas demais línguas da família. Abaixo, apresentamos exemplos de sua ocorrência:

(118)

a. Txileni Ø- eneg -lĩ petkom

Cilene 3A3O-ver-REC mulher

'Cilene viu a mulher'

b. Petkom [Txileni Ø-n-enen-pĩn] Ø- teru -lĩ anat angpi ĩna

mulher Cilene 3A3O-NMZ:O-ver-PERF 3A3O-dar-REC milho menino DAT

'A mulher que Cilene viu deu milho para o menino'

Entretanto, como ocorreu com o afixo nominalizador de sujeito, o de objeto, n-, ocorre com o participio passado/perfectivo -pĩn. Caso

este não apareça, ao final do verbo da encaixada aparecerá a partícula **pa** e ao final da relativa ocorrerá a partícula **keni**, conforme mostramos nos dados abaixo:

(119)

- a. Txileni Ø- eneng -lĩ petkom
Cilene 3A3O-ver-REC mulher
'Cilene viu a mulher'
- b. Petkom [Ø-eneng-lĩ pa Txileni keni] t-eru-lĩ anat angpi ĩna
mulher 3A3O-ver-REC ? Cilene REL PG-dar-REC milho menino DAT
'A mulher que Cilene viu deu milho para o menino'
- c. Txileni Ø- enen -nang petkom
Cilene 3A3O-ver-CONT mulher
'Cilene está vendo a mulher'
- d. Txilene [Ø-ene-nang pa petkom keni] t-eru-nang anat angpi ĩna
Cilene 3A3O-ver-CONT ? mulher REL PG-dar-CONT milho menino DAT
'Cilene, que está vendo a mulher, está dando milho para o menino'
- e. Txileni Ø-enen-|t| petkom
Cilene 3A3O-ver-NPAS mulher
'Cilene vai ver a mulher'
- f. Txilene [Ø-enen-|t| pa petkom keni] t-eru-nang anat angpi ĩna
Cilene 3A3O-ver-FUT ? mulher REL PG-dar-CONT milho menino DAT
'Cilene, que vai ver a mulher, está dando milho para o menino'

3.2.2. Relativização de posições não-argumentais

Designamos posições não-argumentais aquelas que não desempenham as funções de S, A e O na oração relativa. Entre elas

estão o dativo, o instrumental e o locativo, todas envolvendo a construção nominal + posposição.

3.2.2.1. Relativização de DAT

A língua relativiza o dativo deixando, na posposição da oração encaixada que regia o nominal relativizado, uma marca pronominal a ela prefixada. Esse prefixo é o mesmo que marca a terceira pessoa nos objetos pronominais das posposições (cf. cap. 2). Dependendo do tempo/aspecto, a relativa terá a seguinte configuração:

- i) estratégia I: se estiver no perfectivo/remoto, o verbo ficará nominalizado de acordo com o caso de um nominal presente dentro da relativa, ou seja, se estiver enfatizando um nominal na função de A, o verbo receberá a marca de nominalizador de A, e se for O, a de O;
- ii) estratégia II: se a relativa estiver no não-perfectivo/não-passado remoto, o nominal relativizado será identificado com a partícula **keni**, e será acrescentada após o verbo a partícula **pa ~ wa**, conforme mostramos nos exemplos abaixo:

(120)

- a. Petkom t-eru-li polatxa angpi ina
mulher PG-dar-REC bolacha menino DAT
'A mulher deu bolacha para o menino'

- b. Angpi [petkom polatxa eng-na t-eru-nin-pin]
menino mulher bolacha 3-DAT PG-dar-NMZ:A-PERF

Ø-ero-li tukto wara-ktxi
3Sa-ir-REC roça LOC-DIR
'O menino para quem a mulher deu bolacha foi para a roça'

c. Angpi [petkom t-eru-lĩ wa polatxa eng-na keni]
 menino mulher PG-dar-REC ? bolacha 3-DAT REL

Ø-ero-lĩ tukto wara-ktxi
 3Sa-ir-REC roça LOC-DIR

'O menino para quem a mulher deu (REC) bolacha foi para a roça'

3.2.2.2. Relativização de INST

Relativiza-se o instrumental em Ikpeng de duas maneiras:

i) estratégia I: se o verbo da relativa apresentar a marca de perfectivo, -pĩn, afixa-se o sufixo: towon ~ -tpon, que precisa ser mais bem estudado, pois não se conhecem, ainda, suas funções;

ii) estratégia II: se a relativa não apresentar a marca de perfectivo, -pĩn, será adicionada após o verbo da relativa a marca pa ~ wa, ficando o nominal relativizado marcado na posposição com o prefixo pronominal de terceira pessoa. Ao final da relativa estará presente a partícula keni.

(121)

a. Txileni Ø-etpore-lĩ wot togo ge
 Cilene 3A3O-cortar-REC peixe facão INST
 'Cilene cortou o peixe com o facão'

b. Y-etpore-lĩ itereku togo ge
 1A3O-cortar-REC frango facão INST
 'Eu cortei o frango com o facão'

c. Y-eneng-lĩ togo [itereku Ø-etpo -towon -pĩn]
 1A3O-ver-REC facão frango 3-cortar-NOMZ:INST-PERF
 'Eu vi o facão com que o frango foi cortado'

- d. Y-eneng-lĩ togo [megu Ø-etpu -tpon -pĩn]
 1A3O-ver-REC facão melancia 3-cortar-NOMZ:INST-PERF
 'Eu vi o facão com que ela rachou a melancia'
- e. Karaywa nen enu [i-ge y-etpu-lĩ wa megu keni]
 faca DEIT nova 3-INST 1A3O-cortar-REC ? melancia REL
 'A faca com que eu cortei (REC) a melancia é nova'
- f. Karaywa nen enu [i-ge Ø-etpu-lĩ wa Txileni keni]
 faca DEIT nova 3-INST 3A3O-cortar-REC ? Cilene REL
 'A faca com que Cilene partiu (REC) a melancia é nova'

3.2.2.3. Relativização de LOC

O nominal marcado com o caso locativo é relativizado através da sufixação de *-towon* se a relativa apresentar a marca de perfectivo *-pĩn*. Não dispomos de uma relativa onde a marca *-pĩn* esteja ausente de sua estrutura, o que nos impossibilita testar a hipótese de que sua ausência configuraria uma estrutura equivalente à encontrada nos exemplos apresentados nos itens 3.2.2.1 e 3.2.2.2.

(122)

- a. Txileni Ø-ero-lĩ Tera Preta txi-na
 Cilene 3S-ir-REC Terra Preta DIR-ALAT
 'Cilene foi para Terra Preta'
- b. K-areb-lĩ otxit to-not-pop.
 1-chegar-REC cidade ORIG:de
 'Eu cheguei da cidade'
- c. K-areb-lĩ Kanarana mapo-not-pop.
 1-chegar-REC Canarana ORIG:de
 'Eu cheguei de Canarana'

- d. Txidadi mun oke [eng-na k-aran-towon-pîn].
 cidade DEIT grande 3-ALAT 1Sa- ir -NOMZ:LOC-PERF
 'A cidade para onde eu fui é grande'
- e. Txidadi [i-warantup k-arep-towon-pîn] mun
 Cidade 3-LOC:dentro 1Sa-chegar-NOMZ:INST-PERF DEIT
 Txão Paulo.
 São Paulo
 'A cidade de onde cheguei é São Paulo'

3.2.3. Relativização de GEN

Relativiza-se o possuidor nas construções genitivas, prefixando-se ao nominal possuído a marca pronominal de terceira pessoa/possuidor. Se a relativa estiver no perfectivo, o verbo ficará nominalizado com os sufixos indicadores da função sintática de um dos nominais da encaixada, ou seja, será indicado por *-rem*, *n-* ou *-ni*; se não estiver no perfectivo, ao verbo da encaixada será adicionada a marca *-pa ~ -wa*, estando presente no final da oração a partícula *keni*, conforme se pode observar nos exemplos abaixo.

(123)

- a. Pomri Ø-karta-n
 rapaz 3-carta-GEN
 'Carta do rapaz'
- b. Pomri Ø-empare-ñi Ø-karta-n
 rapaz 3-escrever-REC 3-carta-GEN
 'O rapaz escreveu a carta'

- c. Angpi Ø-anputke-li' pomri Ø-karta-n
 menino 3A3O-rasgar-REC rapaz 3-carta-GEN
 'O menino rasgou a carta do rapaz'
- d. Karta t-anpu-rem-towo
 carta PG-rasgar-NOMZ:S-PERF
 'Carta que foi rasgada'
- e. Y-eneng-li' pomri [i-karta-n t-anputke-rem-towo]
 1A3O-ver-REC rapaz 3-carta-GEN PG-rasgar-NOMZ:S-PERF
 'Eu vi o rapaz cuja carta foi rasgada'
- f. Y-eneng-li' pomri [i-karta-n Ø-anputke-li' wa angpi keni].
 1A3O-ver-REC rapaz 3-carta-GEN 3-rasgar-REC ? menino REL
 'Eu vi o rapaz cuja carta foi rasgada (REC) pelo menino'

3.3. Relativas não-nominalizadas

Uma das discussões que devem ser feitas com relação ao Ikpeng e estendidas às demais línguas Karíb, é a existência de orações relativas não nominalizadas. Observa-se, nesta língua, uma cisão estrutural entre as relativas no perfectivo, nominalizadas, e as no não-perfectivo, finitas. A possibilidade existe, apesar de poder haver outras explicações para o fato. Tentarei defender a existência das relativas finitas e argumentar contra as hipóteses que afirmam não haver subordinação oracional nas línguas indígenas, porque se classificam construções análogas às subordinadas das línguas européias como meras nominalizações nas línguas indígenas. Pode-se ainda questionar se as subordinadas das línguas ocidentais tradicionalmente estudadas são

realmente protótipos de subordinação ou se são apenas um tipo diferente das demais.

3.3.1. Morfologia finita nas relativas

Atestei o fato de os verbos da subordinada aceitarem a morfologia do verbo da oração independente, comprovando que tais elementos não se encontram nominalizados. Outra evidência é a presença, nas relativas, das marcas de tempo *-lĩ* e de aspecto *-nang*, que aparecem afixadas aos verbos das orações independentes. Os dados, abaixo, comprovam tal afirmação:

(124) Relativas nominalizadas

- a. Petkom Ø-erenmĩ-lĩ itereku
mulher 3A3O-matar-REC galinha
'A mulher matou a galinha'
- b. Petkom Ø-arimtong-[t] itereku [t-orenmĩ-rem-towo]REL
mulher 3A3O-cozinhar-NPAS galinha PG-matar-NOMZ:S-PERF
'A mulher vai cozinhar a galinha que foi morta'
- c. Y-eneng-lĩ itereku [petkom Ø- n- erenmĩt -pĩn]REL
1A3O-ver-REC galinha mulher 3A3O-NOMZ:O-matar-PERF
'Eu vi a galinha que a mulher matou'
- d. Y-eneng-lĩ petkom [itereku Ø- erenmĩ -nin -pĩn]REL
1A3O-ver-REC mulher galinha 3A3O-matar-NOMZ:A-PERF
'Eu vi a mulher que matou a galinha'

(125) Relativa não nominalizada

- a. Petkom Ø-arimtong-|t| itereku [y-erenmĩ-nang pa keni]REL
mulher 3A3O-cozinhar-NPAS galinha 1A3O-matar-CONT ? REL
'A mulher vai cozinhar a galinha que eu estou matando'
- b. Petkom Ø-arimtong-|t| itereku [m-erenmĩ-nang pa keni]REL
mulher 3A3O-cozinhar-NPAS galinha 2A3O-matar-CONT ? REL
'A mulher vai cozinhar a galinha que você está matando'
- c. Petkom Ø-arimtong-|t| itereku [ku-renmĩ-nang pa keni]REL
mulher 3A3O-cozinhar-NPAS galinha 1+2A3O-matar-CONT ? REL
'A mulher vai cozinhar a galinha que nós (inC) estamos matando'
- d. Petkom Ø-arimtong-|t| itereku [Ø-erenmĩ-nang pa keni]REL
mulher 3A3O-cozinhar-NPAS galinha 3A3O-matar-CONT ? REL
'A mulher vai cozinhar a galinha que ele está matando'
- e. Petkom Ø-arimtong-|t| itereku [Txilene Ø-erenmĩ-nang pa keni]REL
mulher 3A-cozinhar-NPAS galinha Cilene 3A-matar-CONT ? REL
'A mulher vai cozinhar a galinha que Cilene está matando'

(126) Relativa não nominalizada

- a. Txileni Ø-eneng -lĩ petkom
Cilene 3A3O-ver-REC mulher
'Cilene viu a mulher'
- b. Petkom [Ø-eneng-lĩ pa Txileni keni]REL
mulher 3A3O-ver-REC ? Cilene REL
- t- eru -lĩ anat angpi ina
PG-dar-REC milho menino DAT
'A mulher que Cilene viu deu milho para o menino'

As relativas não nominalizadas apresentam, pois, o verbo na sua forma finita, podendo receber os prefixos pessoais e as marcas de tempo, -li, e de aspecto, -nang, que se afixam a verbos independentes.

Os exemplos abaixo mostram que os verbos nominalizados nas relativas no perfectivo, podem receber os mesmos prefixos que se afixam aos nomes possuídos (série I).

(127)

- | | |
|--------------------------------|----------------------------|
| a. Y-eneng-li petkom | 'eu vi a mulher' |
| b. Petkom i-n-enen-pin eroli | 'A mulher que eu vi saiu' |
| o-n-enen-pin | '...que você viu...' |
| wi-n-enen-pin | '...que nós-in vimos...' |
| o-n-enen-pin-kom | '...que vocês viram...' |
| i-n-enen-pin-kom | '...que eles viram...' |
| c. Petkom g-enen-nin-pin eroli | 'A mulher que me viu saiu' |
| o-enen-nin-pin | '...que te viu...' |
| gw-enen-nin-pin | '...que nos (inc) viu...' |
| o-enen-nin-pin-kom | '...que viu vocês...' |

Como os exemplos demonstram, pode-se afirmar que há relativas não nominalizadas, e que a língua apresenta uma cisão estrutural entre relativas nominalizadas (perfectivas) e não nominalizadas (não-perfectivas).

3.4. Sobre o status morfológico de pa ~ wa e de keni

Pode-se questionar se o formativo pa não seria um nominalizador. Entretanto, tal afirmação não parece verdadeira, pois não o encontramos

no sistema de nominalizações. Quanto a seu status morfossintático, parece ser uma partícula, pois sua posição na oração é a mesma das demais partículas (como *man*, por exemplo). Parece estar indicando não-perfectivo ou não-passado remoto, pois não foi encontrado em estruturas no perfectivo. O que nos pareceu estranho, todavia, é que um elemento formalmente idêntico parece cumprir a função de negação de radicais (verbais ou não) nas orações independentes, como mostra esse exemplo: *y-eneng-li* (1A3O-ver-REC) 'eu o vi'; *y-eneng-li wa* (1A3O-ver-REC NEG) 'eu não o vi'. Não se sabe se é o mesmo formativo, com múltiplas funções, ou um caso de homofonia (mesma forma fônica, com diferentes funções). O mesmo ocorre com a partícula *keni*, como foi demonstrado no capítulo 3. Contudo, o status morfossintático e a função da partícula *keni* parecem definidos: comporta-se como partícula, pois se pode colocar entre ela e o verbo um elemento nominal, e funciona como relativizador (partícula ou pronome relativo).

3.5. Funções das nominalizações na relativização

As línguas da família Tupi e Karíb empregam a nominalização para formar as relativas e marcar o papel sintático da posição relativizada (ver Brandon e Seki, 1981). Abaixo, demonstramos esse fato.

(128) Nominalização de sujeito

Iokore [wayo t- eng -nin -pîn omringo wok] Ø-egakte-li
 Iokoré cuia PG-pôr-NMZ:A-PERF banco LOC 3S-sair-REC
 'Iokoré, que pôs a cuia sobre o banco, saiu'

(129) Nominalização de objeto

Wayo [omringo wok i- n- yeng -pîn] t-arapkote
 cuia banco LOC 1-NMZ:O-pôr-PERF 3-quebrar
 'A cuia que eu coloquei no banco está quebrada'

Acima, observa-se que o sujeito da oração matriz 'Iokoré' é o sujeito relativizado da encaixada. A função do nominal relativizado na encaixada aparece marcado no verbo através do sufixo *-nin* (nominalizador de sujeito). O prefixo *n-* (nominalizador de objeto) cumpre a mesma função, quando a posição relativizada é a de objeto da encaixada. Ambos ocorrem com o sufixo *-pîn*. Entretanto, pode-se levantar a seguinte questão: não poderia ser o sufixo *-pîn* o nominalizador que marca a função do nominal relativizado na encaixada, tendo a ordem o papel de desambiguação?

Caso a resposta seja 'sim' para essa questão, então seria preciso explicar qual a função dos afixos *n-* e *-nin* na encaixada.

Uma possível explicação para a presença de *n-* seria dizer que ele é um prefixo marcador de terceira pessoa na função de objeto (3:O), opondo-se ao marcador de terceira na função de sujeito (3:A), que seria $\emptyset$ -. Para explicar o sufixo *-nin*, bastaria argumentar que ele é o sufixo nominalizador de sujeito/agente (NMZ:A), e que o nominalizador de O seria $-\emptyset$. Entretanto, essa argumentação não parece ser verdadeira, pois a nominalização de objeto envolvendo um prefixo cognato ao do Ikpeng foi encontrada em outras línguas karib.

Gildea (1994:166) reconstruiu o prefixo **nĩ* como a proto-forma do prefixo nominalizador de objeto, a partir da análise de doze línguas Karib. Segundo o autor,

The *nĩ- prefix is a parte of the system of nominalization in all languages for which it has been described, hence it must be reconstructed as a part of the Proto-Cariban Nominal System

E conclui:

(...) Proto-Cariban *nĩ- was, in fact, an object nominalizer.

A partir das evidências apresentadas por Gildea (1994), e dos exemplos por nós apresentados, conclui-se que o afixo n- é o prefixo nominalizador de objeto e que o sufixo -nin é o nominalizador de sujeito em Ikpeng. Uma forma cognata ao -nin do Ikpeng e desempenhando a mesma função, o -nen, é encontrado em Macushi (Abbott, 1985: 257).

3.6. Resumo das estratégias de relativização

Abaixo, apresentamos um quadro que resume as estratégias de relativização em Ikpeng:

(130) QUADRO COM AS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO EM IKPENG

	<u>Estratégia I</u> PERFECTIVO	<u>Estratégia II</u> NÃO-PERFECTIVO
FUNÇÕES SINTÁTICAS	RELATIVAS NOMINALIZADAS	RELATIVAS NÃO-NOMINALIZADAS
Sa	-tem + -towo	pa + keni
So	-tem + -towo	pa + keni
O (sem A expresso)	-tem + -towo	pa + keni
INST	-towon + -pîn	pa + keni
LOC	-towon + -pîn	pa + keni
A	-nin + -pîn	pa + keni
O	n- ... -pîn n- ... -tu	pa + keni
	TIPO DE MARCADORES (Série I) = So/POS	TIPO DE MARCADORES (Série II) = Sa

Na primeira coluna temos as posições ou funções sintáticas relativizadas; na segunda e na terceira colunas temos as duas estratégias de relativização, uma usada no perfectivo (estratégia I) e outra no não-perfectivo (estratégia II). Na base do quadro, parte de baixo, indicamos o tipo de marcadores de pessoa que se prefixam aos radicais verbais da relativa. Note-se que, na relativização:

- as funções Sa, So, O (sem A expresso), usam o mesmo grupo de sufixos: -tem + -towo;
- as funções INST e LOC utilizam os sufixos: -towon + -pîn
- a função A emprega os sufixos: -nin + -pîn

- d) a função O emprega os afixos: n- ... -pîn.
- e) o sufixo -tu ocorre em conjunto com o prefixo n-. Contudo, não se sabe, ainda, em quais situações ele é empregado.
- f) as relativas nominalizadas (coluna I) recebem os prefixos pessoais da série I, e as não-nominalizadas (coluna II), da série II.

Essas características distinguem, pois, dois tipos de relativas Ikpeng: as nominalizadas e as não-nominalizadas.

4. MARCAÇÃO DO NÚCLEO NOMINAL NA RELATIVA

Por núcleo ('head') da relativa se entende o nome modificado pela relativa e que pode aparecer marcado dentro de sua estrutura, no caso de o núcleo nominal ('nominal-head') estar fora da construção relativa. Essa noção está presente nos trabalhos de Comrie (1989), Keenan (1985) e Lehmann (1986). Em 4.1., apresentamos as hipóteses sobre a marcação do nominal na relativa; em 4.2., como se dá a marcação do nominal na relativa Ikpeng.

4.1. Hipóteses sobre a marcação do núcleo nominal na relativa

4.1.1. A proposta de Comrie (1989)

O autor afirma que o núcleo nominal da relativa desempenha distintos papéis nas duas diferentes orações a que se relaciona: tem um papel na oração principal e outro na oração relativa. Comrie (1989:147-153) distingue quatro tipos maiores de núcleos nominais, conforme os parâmetros que seguem:

- a) com retenção pronominal ("pronoun-retention type"): o núcleo nominal deixa uma cópia pronominal na sentença encaixada;
- b) com pronome relativo, encontrada freqüentemente nas línguas européias. Como em (a), há um pronome na oração relativa indicando o núcleo nominal. O pronome em questão codifica a função sintática do nominal dentro da relativa. Dado que isso não pode ser feito pela ordem, é essencial que o pronome seja marcado para caso, no mínimo, com a mesma extensão que o SN tem para indicar essa função na oração principal;
- c) não-reduzida ("non-reduction type"): o núcleo nominal aparece plenamente, de forma não reduzida, na sentença encaixada, na sua posição normal ou com marcação rotineira;
- d) vazia ("gap type"): esse tipo não apresenta nenhuma indicação explícita de papel do núcleo dentro da oração relativa (corresponde a uma posição vazia).

4.1.2. A proposta de Keenan (1985)

Keenan (1985: 143-155) mostra como as línguas marcam as posições relativizadas (NPrel) dentro das orações relativas (Srel), apontando quatro formas de marcação, paralelas às de Comrie:

- a) NPrel é um pronome pessoal: mais comum nas relativas pós-nominais;
- b) NPrel é um pronome relativo: os pronomes relativos são itens de uma classe fechada e estão morfologicamente relacionados aos pronomes demonstrativos ou interrogativos da língua;

c) NPrel é um NP preenchido/pleno: têm-se encontrado poucos casos desse fenômeno em relativas pré-nominais, onde o NPrel está encaixado dentro de outro NP, estando plenamente expresso;

d) NPrel não está presente de forma alguma: é o caso em que uma oração relativa pode ser introduzida por um complementizador que não é um elemento nominal ou pronominal.

A proposta de Keenan se assemelha à de Comrie. A diferença diz respeito basicamente à terminologia. Essas duas propostas foram apresentadas no trabalho realizado pelos autores em 1977.

4.1.3. A proposta de C. Lehmann (1986)

O trabalho de Lehmann deixa claros vários aspectos apontados pelos autores acima referidos. Ele divide sua proposta em várias partes interrelacionadas. Destaco a que trata da anáfora na oração relativa.

Lehmann mostra como a abordagem transformacional conhecida como 'Análise Co-refencial' falhou ao tratar da relação entre a oração relativa e a principal, por pelo menos três razões:

a) porque o núcleo da oração relativa restritiva pode ser geralmente não um NP, mas um nominal. Se fosse um NP, ela não poderia estar pronta para receber uma relativa adnominal, visto que as orações adnominais são atributos do nome;

b) porque a idéia de que há sempre uma relação anafórica entre o núcleo nominal da relativa e a posição relativizada está errada, havendo casos em que a relativa é nominalizada, isto é, desempenha a função de um atributo adjetival ou participial do nominal, bloqueando a anáfora;

c) porque mesmo quando há tais relações anafóricas, poderá haver uma má interpretação da operação anafórica ao se assumir que um referente pode sempre ser representado por outro idêntico, isto é, por um NP plenamente especificado na estrutura profunda. Tal comportamento parece ser logicamente impossível nas línguas humanas, dada a sua anti-naturalidade e redundância (C. Lehmann, 1986:673).

O autor propõe que a relação anafórica pressupõe um de dois comportamentos: i) haverá uma representação pronominal no lugar do nominal relativizado; ou ii) haverá um afixo de concordância que assumirá a função pronominal, não necessitando da representação pronominal. Dadas essas informações, Lehmann (1986:675) propõe a seguinte hipótese:

Representation of the head in various syntactic functions in the external-head RC correlates inversally with the degree of nominalization of the RC; that is, the more strongly nominalized the clause is, the less it will allow of pronominal representation of the head in the relativized position (Lehmann, 1986:675).

Argumenta que a nominalização anula a possibilidade de um pronome anafórico realizado e que ela transforma o verbo da relativa num modificador, tais como os adjetivos ou os atributos participiais.

Para excluir a anáfora das relativas nominalizadas, Lehmann classifica a anáfora da seguinte maneira:

(...)the normal anaphoric situation implies the sequence 'referent-anaphoric pronoun'; backwards anaphora is constrained. To the degree that the relation 'head-relativized position' is analogous to the relation 'referent-anaphoric pronoun', the use of resumptive pronoun is also determined by the positional type of the RC. (ibid.: 676)

Em seguida, acrescenta:

The postnominal construction is in principle compatible with the use of anaphoric pronouns in the relativized position; so this is constrained only by the nominalization of the clause. (ibid.:676)

4.2. Marcação do núcleo nominal nas relativas Ikpeng

Apresentamos neste item as estratégias que o Ikpeng emprega para marcar no escopo da relativa o nominal relativizado. Há duas estratégias básicas de marcação: i) uma é encontrada nas relativas nominalizadas (no perfectivo); ii) outra, nas relativas não nominalizadas (no não-perfectivo), conforme se demonstra nos itens abaixo.

4.2.1. Marcação do nominal nas relativas nominalizadas

A língua utiliza dois recursos para marcar o núcleo nominal na relativa nominalizada:

- a) afixo de concordância, prefixado ao verbo nominalizado e que exerce a função de representante, na relativa, do núcleo nominal (externo);
- b) sufixos nominalizadores, que indicam a função sintática do nominal relativizado dentro da relativa.

Em (a), temos um recurso que pode ser desempenhado, em algumas línguas, pelo pronome livre. Sobre a função dos afixos de concordância, nas relativas, afirma Lehmann (1986:674):

In most cases, the agreement affix maintains a pronominal function in the sense that, for syntactic purposes, the corresponding actant is sufficiently represented by the agreement affix, so that we do not require an additional pronominal representative of the NP.

A nominalização, em Ikpeng, bloqueia a anáfora, conforme se assinalou no item 4.1.3., onde se viu que Lehmann (1986: 675) prevê esse comportamento para línguas que utilizam aquela estratégia.

Abaixo, apresentamos exemplos que ilustram o fato:

- (131) **Petkom** [itereku Ø-erenmĩ-nin-pĩn]
mulher galinha 3A3O-matar-NMZ:A-PERF

t-eru-lĩ anat angpi ĩna
PG-dar-REC milho menino DAT

'A mulher que matou a galinha deu milho para o menino'

- (132) **Petkom** [Txileni Ø- n- enen -pĩn]
mulher Cilene 3A3O-NMZ:O-ver-PERF

Ø-teru -lĩ anat angpi ĩna
3A3O-dar-REC milho menino DAT

'A mulher que Cilene viu deu milho para o menino'

- (133) S_i A' O' O'_i-POSP V'
Angpi_i [petkom_j polatxa eng_i-na t-eru -nin_j -pĩn]
menino mulher bolacha 3-DAT PG-dar-NMZ:A-PERF

Ø-ero-lĩ tukto waraktxi
3S-ir-REC roça LOC:dentro

'O menino para quem a mulher deu a bolacha foi para a roça'

- (134) S_i O'_i-POSP V'
a. **Txidadi_i** mun oke [eng_i-na k-aran -town_i-pĩn].
cidade DEIT grande 3-ALAT 1Sa-ir -LOC-PERF
'A cidade [para onde eu fui] é grande'

- S_i O'_i-POSP V'
- b. **Txidadi** [i_i-warantup k- arep -towon_i-pîn] mun
 Cidade 3-LOC:dentro 1Sa-chegar-LOC-PERF DEIT
 Txão Paulo.
 São Paulo
 'A cidade [de onde cheguei] é São Paulo'

4.2.2. Marcação do nominal nas relativas não-nominalizadas

As orações relativas no não-perfectivo empregam uma estratégia diferente da empregada nas relativas nominalizadas para marcar a posição relativizada na encaixada. O recurso utilizado é a partícula relativa **keni**. Vejam-se os exemplos abaixo:

(135)

- a. **Petkom** Ø-erenmĩ-lĩ itereku
 mulher 3A3O-matar-REC galinha
 'A mulher matou a galinha'
- b. **Petkom** [Ø- erenmĩ -nang pa itereku **keni**]
 mulher 3A3O-matar-CONT ? galinha REL
- t-eru-lĩ anat angpi ãna
 PG-dar-REC milho menino DAT
 'A mulher que está matando a galinha deu milho para o menino'
- c. **Petkom** [Ø- erenmĩ -t pa itereku **keni**]
 mulher 3A3O-matar-FUT ? galinha REL
- t-eru-lĩ anat angpi ãna
 PG-dar-REC milho menino DAT
 'A mulher que vai matar a galinha deu milho para o menino'

- d. Petkom Ø-arímtong-Ø ítereku [Txilení Ø-erenmí-nang pa keni]
 mulher 3A3O-cozinhar-NPAS galinha Cilene 3A3O-matar-CONT ? REL
 'A mulher vai cozinhar a galinha que Cilene está matando'

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demonstrou-se, neste capítulo que:

- a) as relativas em Ikpeng são do tipo: Núcleo Nominal externo/Pós-nominais, podendo aparecer adjungidas à direita da sentença;
- b) a língua apresenta duas estratégias básicas de relativização: na estratégia I, o verbo aparece nominalizado, podendo receber os prefixos da série I, que são os mesmos que se prefixam a nomes possuídos; na estratégia II, o verbo aparece na sua forma finita, podendo receber os afixos da série II, que se afixam a verbos ativos, e as marcas de tempo e aspecto, que são as mesmas que se afixam nos verbos independentes;
- c) as nominalizações exercem duas funções na formação das relativas: i) identificam que o verbo é dependente; ii) marcam a função sintática do nominal relativizado na relativa;
- d) a língua utiliza, basicamente, duas estratégias para a marcação do núcleo nominal na relativa: i) ele será marcado através de afixos de concordância, da série I, nas relativas nominalizadas; ou ii) será marcado pela partícula keni, que ocorre ao final da relativa não-nominalizada.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi apresentar uma análise de aspectos da gramática Ikpeng, mais precisamente sobre as classes de palavras, sobre as orações independentes e sobre as orações relativas.

No primeiro capítulo, apresentamos uma breve visão sobre a língua Ikpeng e seus falantes, focalizando, em particular, um pouco da história do grupo após o contato com o branco, alguns aspectos da fonologia e a posição do Ikpeng no quadro das línguas Karíb.

No segundo capítulo, mostramos que o Ikpeng apresenta as seguintes classes de palavras: o nome, o verbo, o adjetivo, o advérbio, a posposição, o pronome e as partículas.

No terceiro capítulo, mostramos que as orações independentes podem ser divididas em dois tipos: as verbais, contendo um elemento verbal no predicado; e as não-verbais, que não contêm um elemento verbal no predicado. As orações verbais, por sua vez, podem ser subdivididas em intransitivas e transitivas. Mostramos, ademais, como se organizam as orações com dativo e as orações causativizadas.

No quarto capítulo, situamos o Ikpeng na tipologia das relativas proposta por Lehmann (1986), apresentamos como se dão os processos

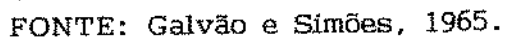
de formação da relativa e quais os mecanismos que a língua utiliza para marcar o núcleo nominal (externo) dentro da relativa. Identificamos, ainda, a existência das relativas não-nominalizadas (finitas) na língua.

As considerações contidas nesta dissertação precisarão ser revistas em futuros trabalhos sobre a língua, pois como a gramática se encontra em estágio inicial de descrição, muitos aspectos não puderam ser levados em conta na análise. Com a continuação da pesquisa, esperamos oferecer novas propostas de enfoque dos aspectos discutidos e trazer novos fatos para serem analisados. Dentre os aspectos que merecem ser rediscutidos estão as classes de palavras, ponto controvertido da pesquisa lingüística e de difícil definição na maiorias das línguas.

Com esta dissertação, pretendemos ter oferecido um material que possa servir de base para posteriores pesquisas da gramática Ikpeng e, também, ser utilizadas como ponto de partida na elaboração de materiais de formação para os professores da escola Ikpeng.

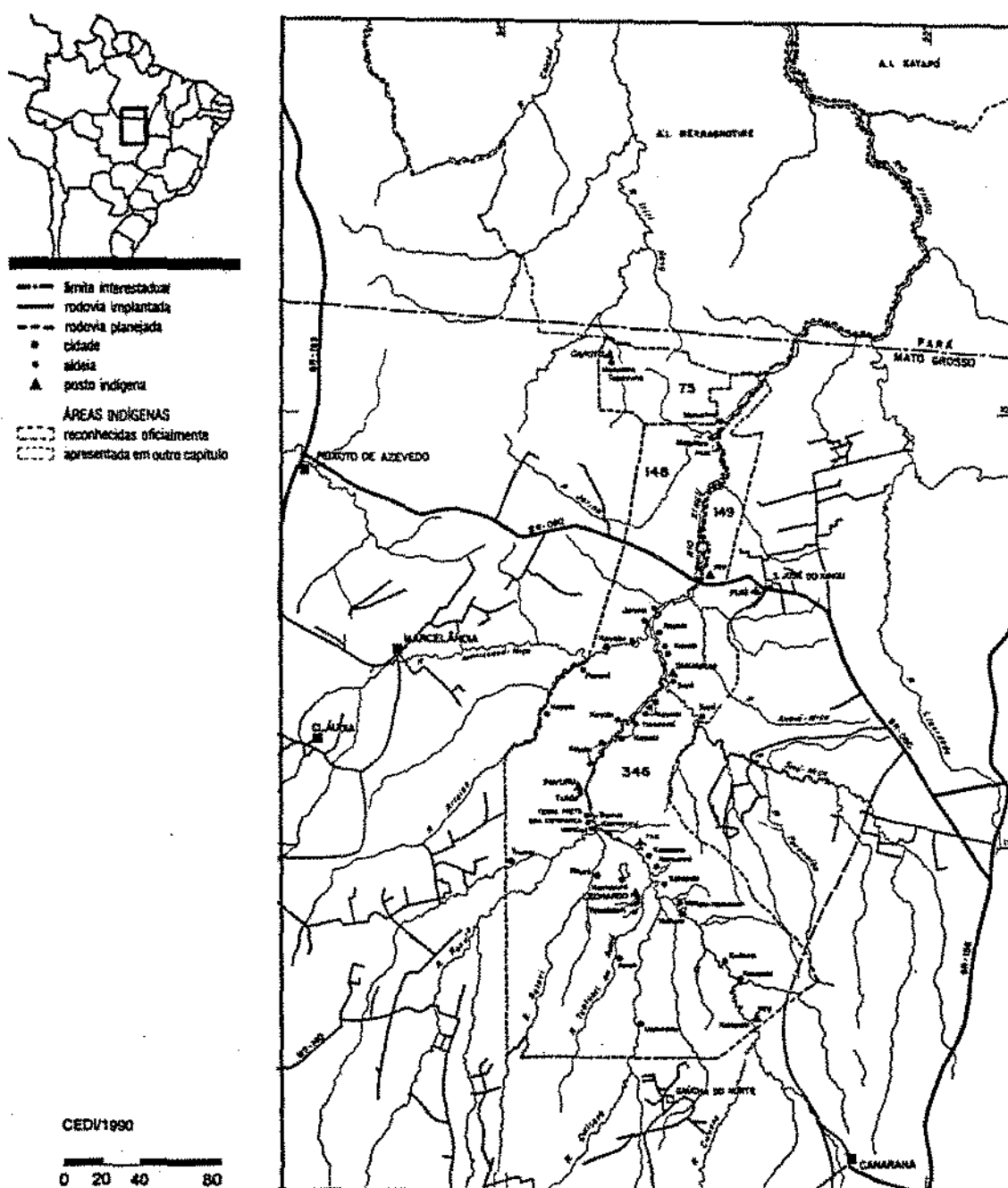
ANEXOS

1



ANEXO 2

PARQUE INDÍGENA DO XINGU: DÉCADA DE NOVENTA-SÉC. XX



Fonte: CEDI-1991

ANEXO 3

QUADRO DE DURBIN (1985:58-60): RELAÇÕES INTERNAS ENTRE AS LÍNGUAS KARÍB (DIALETOS FORAM EXCLUÍDOS)

I. CARÍB DO NORTE

A. Carib da Costa

1. Carib da Costa Venezuelana
 - a. Chayma
 - b. Cumanagoto
 - c. Yao
 - d. Tamanako
2. Serra de Perijá (borda do nordeste da Colômbia e Venezuela)
 - a. Japreria
 - b. Yukpa
 - c. Yuko (Yukpa da Colômbia)
3. Opone-Carare (Colômbia Central)

B. Carib do Oeste das Guianas (do oeste da Venezuela)

1. Mapoyo
2. Yabarana
3. Panare
4. Quaca
5. Pareca

C. Galibi (principalmente ao longo da costa atlântica, da foz do Amazonas ao Orinoco)

D. Carib de Leste a Oeste da Guiana (principalmente na fronteira Brasil-Guiana se estendendo ao Suriname, Guiana, Venezuela e Guiana Francesa)

1. Wayana-Aparai
2. Roucouyene (Guiana Francesa)
3. Aracaju
4. Trio-Rangu
5. Wama (Akuriyo) (Suriname)
6. Urukuyana
7. Triometesen (Suriname)
8. Kumayena (Suriname)
9. Planakoto
10. Saluma
11. Pauxi
12. Cachuena
13. Chikena
14. Walwai

15. Paravilhana
16. Wabui
17. Sapara
18. Yauapery
19. Waimiri
20. Crichana
21. Pauxiana
22. Bonari
23. Makusi (Guiana)
24. Purucoto (Venezuela)
25. Pemong (Taulipang) (Venezuela)
26. Patamona (Guiana)
27. Akawaio (Guiana)
28. Arinagoto (Venezuela)

E. Carib do Norte do Brasil *

1. Palmella
2. Pimenteira ?
3. Yarumá
4. Txikão/Ikpeng
5. Pariri
6. Apiaká
7. Arara
8. Yuma

II. CARIB DO SUL

A. Carib do Sudeste da Colômbia

1. Hianacoto-Umaua
2. Guaque
3. Carijona

B. Carib do Alto Xingu

1. Bakairi
2. Nahukwa

C. Carib do Sul da Guiana (principalmente ao Sul da Venezuela e Brasil)

1. Ye'cuana (Venezuela)
2. Wayumara - Azumara (Venezuela)
3. Parukoto
4. Hixkaryana
5. Warikyana

SUMMARY

This dissertation aims to present a preliminary description of some aspects of Ikpeng's grammar. The language is spoken in the central area of the Xingu Reservation (Parque Indígena do Xingu) by a community of two hundred fifteen members. The work presents the parts of speech found in Ikpeng, the organization of independent and causative clauses, as well as some strategies for relativization and marking of the noun head inside the relative clause.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBOTT, M. (1985) "Subordinate clauses". In: D. L. Fortune (org.)
Porto Velho wokpapers. Brasília: SIL.

ANDERSON, S. R. (1985a) "Typological distinctions in word formation".
In: T. Shopen (org.), Vol. III: 3-56. Cambridge: Cambridge
University Press.

_____ (1985b) "Inflexional morphology". In: T. Shopen (org.), Vol III:
150-201. Cambridge: Cambridge University Press.

ANDREWS, A. (1985) "The major fuctions of the noun phrase". In: T.
Shopen (org.), Vol. I: 63-153. Cambridge: Cambridge University
Press.

BYBEE, J.L. (1985) *Morphology : a study of the relation between
meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

BRANDON, F. R. e SEKI, L. (1981) "A note on COMP as universal".

Linguistic Inquiry 12: 659-64.

CAMPETELA, C. (1995) "Sistema de marcação de caso da língua

Ikpeng". Campinas: Unicamp, mimeo.

COMRIE, B. (1978) "Ergativity". In: W.P. Lehmann (org.) *Syntactic typology: studies in the phenomenology of language*, 329-394.

Austin: University of Texas Press.

_____ (1985) "Causative verb formation and other verb-deriving morphology". In: T. Shopen (ed.), Vol III: 309-348. Cambridge University Press.

_____ (1989) *Language universals and linguistic typology*, 2ª ed. Oxford: Basil Blackwell.

COMRIE, B. e THOMPSON, S.A. (1985) "Lexical nominalization". In: T. Shopen (ed.), Vol III: 349-398. Cambridge University Press.

CRAIG, C. G. (1979) "Jacaltec: field work in Guatemala". In: T. Shopen (org.) *Languages and their speakers*. Cambridge, Mass. Winthrop.

_____ (1990) "Linguistics fieldwork: the case of Rama". University of Oregon, mimeo.

CRYSTAL, D. (1988) *Dicionário de Lingüística e Fonética*. (Trad. de Maria Carmelita de Pádua Gomes) Rio: Zahar.

DERBYSHIRE, D.C. (1985) *Hixkaryana and linguistic typology*.
Arlington: SIL/University of Texas Press.

_____ (1991) "Are Cariban languages moving away from or towards ergative systems ?" 1991 Work papers of the Summer Institute of Linguistics, University of North Dakota Session, Vol XXXV, Robert Dooley and J. Stephen Quackenbush (eds), 1-30. Dallas: SIL.

_____ (1994) "Clause Subordination and nominalization in Tupi-Guaranian and Cariban Languages". *Revista Latinamericana de Estudios Etnolingüísticos 8: Lingüística Tupi-Guarani/Caribe*, 179-198.

DIXON, R.M.W. (1979) "Ergativity". *Language* 55: 59-138.

_____ (1989) "Subject and object in universal grammar". In: D. Arnold et alii (orgs.) *Essays on grammatical theory and universal grammar*, 91-118. Oxford: Clarendon Press.

_____ (1992) "Ergativity". Australia: Australian National University, mimeo.

- DURBIN, M. (1985) "Survey of the Carib Language Family". In: H. E. M. Klein e L. R. Stark (eds) **South American indian languages: retrospect and prospect**. Austin: University of Texas Press.
- EMMERICH, C. (1980) "A fonologia segmental da língua Txikão: um exercício de análise". **Linguística** X. Rio: Museu Nacional/UFRJ.
- _____ (1994) "The Txikão language: Fricatives or no fricatives?". **Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos** 8: **Linguística Tupi-Guarani/Carib**, 65-72.
- FOLEY, W. A. e VAN VALIN Jr., R. D. (1985) "Information packaging in the clause". In: T. Shopen (org.), Vol. I: 282-364. Cambridge: Cambridge University Press.
- FRANCHETTO, B. (1990a) "Ergativity and nominative in Kuikuro and other Carib language". In: Doris L. Payne (ed.) **Amazonian Linguistics: studies in lowland South American languages**. Austin: University of Texas Press.
- _____ (1990 b) "A ergatividade Kuikuro (Karíb): algumas propostas de análise". **Caderno de Estudos Linguísticos** 18: 57-88.
- GALVAO, E. e SIMÕES, M.F. (1965) "Notícia sobre os índios Txikão - Alto Xingu". **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém (Nova Série) 24: Antropologia.

- GILDEA, S. (1992) "Comparative Cariban morphosyntax: on the genesis of ergativity in independent clauses". Ph.D. Dissertation. University of Oregon.
- _____ (1993) "The rigid VS order in Panare (Cariban): a historical explanation". *IJAL* 59: 44-63.
- _____ (1994a) "The proto-Cariban and Tupi-Guarani object Nominalizing prefix". *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos* 8: *Lingüística Tupi-Guarani/Caribe*, 163-178.
- _____ (1994b) "Semantic and pragmatic inverse: 'Inverse alignment' and 'inverse voice' in Carib of Surinam". In: T. Givón (ed.) *Voice and inversion*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- _____ (1994c) "Sketch of Ikpeng grammar". Campinas: UNICAMP, mimeo.
- _____ (1995) "A comparative description of syllable reduction in the Cariban language family". *IJAL* 61: 62-102.
- GIVÓN, T. (1979) *On understanding grammar*. New York: Academic Press.
- _____ (1984) *Syntax: a functional-typological introduction*. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

GIVÓN, T. (1990) *Syntax: a functional-typological introduction*. Vol II. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

GLEASON Jr, H. A. (1985) *Introdução à Linguística Descritiva*, 2ª ed. (Trad. de João Pinguelo). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

HAIMAN, J. (1983) "On the origins of switch-reference marking". In J. Haiman e P. Munro (eds). *Switch-reference and universal grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

HOFF, B.I. (1986) "Evidentiality in Carib". *Lingua* 69: 45-103.

_____ (1990) "The non-modal particles of the Carib language of Surinam and their influence on constituent order". In: Doris L. Payne (org.) *Amazonian Linguistics: studies in lowland South American languages*. Austin: University of Texas Press, pp. 495-541.

HOPPER, P. J. e THOMPSON, S. A. (1984) "The discourse basis for lexical categories in universal grammar". *Language* 60 (4): 703-52.

KEENAN, E. (1985a) "Relative clauses". In: T. Shopen (org.), Vol. II: 143-170. Cambridge University Press.

KEENAN, E. (1985b) "Passive in the world's languages". In: T. Shopen (org.), Vol. I: 243- 281. Cambridge: Cambridge University Press.

_____ e COMRIE, B. (1977) "Noun phrase accessibility and universal grammar". *Linguistic Inquiry* 8: 63-99.

KIBRIK, A.E. (1990) "As línguas semanticamente ergativas na perspectiva da tipologia sintática geral" (Trad. de Lucy Seki). *Caderno de Estudos Lingüísticos* 18: 13-36. Campinas: UNICAMP.

_____ (1992) "Relativization in polysynthetic languages". *IJAL* 58: 135-157.

KOEHN, E e KOEHN, S. (1986) "Apalai". In: Desmond C. Derbyshire e Geoffrey K. Pullum (eds) *Handbook of Amazonian languages*. Berlin: Mouton de Gruyter.

LEHMANN, C. (1986) "On the typology of relative clauses". *Linguistics* 24: 663-680.

_____ (1989) "Towards a typology of clause linkage". In: J. Haiman e S. Thompson (org.). *Clause combining in grammar and discourse*, 181-225. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

- LEHMANN, C. (1990) "Towards lexical typology". In: W. Croft, K. Denning e S. Kemmer (orgs.) *Studies in typology and diachrony*, 161-185. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- LYONS, J. (1979) *Introdução à Linguística teórica* (Trad. de Rosa Virginia Mattos e Silva e Hêlio Pimentel). São Paulo: Companhia Editora Nacional/EDUSP.
- MATTHEWS, P.H. (1974) *Morphology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____ (1981) *Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MENGET, P. (1977) *Au nom des autres: classification des relations sociales chez les Txikão du Haut-Xingu (Brésil)*. École Pratique des Hautes Études, Université de Paris X.
- NOONAN, M. (1985) "Complementation". In: T. Shopen (org.), Vol. II: 42-140. Cambridge University Press.
- PACHECO, F. B. (1994) "Marcadores de pessoa em verbos intransitivos no Ikpeng (Txikão)". Campinas: UNICAMP, mimeo.
- _____ (1995) "A teoria da otimalidade e a sequência de picos silábicos em Ikpeng: um exercício teórico". Campinas: UNICAMP, mimeo.

PACHECO, F. (1996) "Relativização de objeto em Ikpeng (Karíb): uma proposta de análise". Apresentação realizada no XLIV Seminário do GEL, Taubaté-SP.

PAYNE, D. L. (1990) "Morphological characteristics of lowland South American languages". In: Doris L. Payne (ed.) *Amazonian Linguistics: studies in lowland South American languages*, 213-241. Austin: University of Texas Press.

PAYNE, T. E. (1990) "Transitivity and ergativity in Panare". In: Doris L. Payne. *Amazonian Linguistics: studies in lowland South American languages*, 495-541. Austin: University of Texas Press.

PROFESSORES IKPENG (1996) "Nenpatu Ikpeng (coletânea de textos produzidos por alunos e professores Ikpeng)". Elaboração: C. Campetela e F. B. Pacheco. Campinas: UNICAMP, inédito.

RAPOSO, E.P. (1992) *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho.

RODRIGUES, A.D. (1986) *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.

SAMARIN, W. J. (1967) *Field linguistics: a guide to linguistic field work*. New York: Holt, Rinehart and Winston.

SEKI, L. (1982) "Marcadores de pessoa do verbo Kamaiurá". **Caderno de Estudos Lingüísticos** 3: 22-40. Campinas: UNICAMP.

_____ (1993) "Notas sobre a história e a situação lingüística dos povos indígenas do Xingu". In: Lucy Seki (org.), **Lingüística Indígena e educação na América Latina**. Campinas: Editora da UNICAMP.

_____ (1994) "Notas sobre a gramática Ikpeng". Campinas: Unicamp, mimeo.

_____ e BRANDON, F.R. (1984) "Moving interrogatives without an initial +WH node in Tupí". In: Eung-Do Cook e Donna B. Gerds (eds.) **Syntax and Semantics: the syntax of native American languages** 16: 77-103.

SCHACHTER, P. (1985) "Parts-of-speech systems". In T. Shopen (org.), Vol I: 3-61. Cambridge: Cambridge Univ. Press.

SHOPEN, T. (org.) (1985) **Language typology and syntactic description**, Vol I, II, III. Cambridge University Press.

SIMÕES, M. F. (1963) "Os Txikão e outras tribos marginais do alto Xingu". **Revista do Museu Paulista**, XIV: 76-101.

SOUZA, S. D. C de (1993) **Alguns aspectos morfológicos da língua Arara**. Dissertação de mestrado. Brasília: UnB.

TALMY, L. (1985) "Lexicalization patterns: semantic structure in lexical forms". In: T. Shopen (org.), Vol III: 57-139. Cambridge: Cambridge University Press.

THOMPSON, S.A. e LONGACRE, R. (1985) "Adverbial Clause". In: T. Shopen (org.), Vol. II: 171-234. Cambridge University Press.

ERRATA

Pag.	Onde se lê...	Leia-se...
36	posição de sujeito	posição de sujeito da oração
36	função de sujeito	função de sujeito da oração
56	A função do morfema reflexivo	Uma das funções do morfema reflexivo
57	A função do causativo	Uma das funções do causativo
76	O morfema -tom indica plural/coletivo nas sentenças interrogativas	Em algumas sentenças o morfema -tom ocorre indicando plural/coletivo
122	'Análise co-refencial'	'Análise co-referencial'
129	na maiorias	na maioria
129	ser utilizadas	ser utilizado